



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE TURISMO**

MARIA SALETE FERREIRA FIGUEIRA

UM CONVITE AO OLHAR: uma proposta de interpretação do patrimônio das obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG.

JUIZ DE FORA - MG
2025

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE TURISMO**

MARIA SALETE FERREIRA FIGUEIRA

UM CONVITE AO OLHAR: uma proposta de interpretação do patrimônio das obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG.



JUIZ DE FORA - MG
2025

MARIA SALETE FERREIRA FIGUEIRA

UM CONVITE AO OLHAR: uma proposta de interpretação do patrimônio das obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharela em Turismo. Área de concentração: Patrimônio.

Orientador: Prof. Doutor Edwaldo Sérgio dos Anjos Junior
Coorientador: Prof. Doutor Humberto Fois Braga

JUIZ DE FORA - MG
2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira Figueira, Maria Salete.

UM CONVITE AO OLHAR : uma proposta de interpretação do patrimônio das obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG / Maria Salete Ferreira Figueira. -- 2025.

99 p. : il.

Orientador: Edwaldo Sérgio dos Anjos Junior

Coorientador: Humberto Fois Braga

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, 2025.

1. Roteiro Interpretativo. 2. Interpretação do Patrimônio. 3. Chico Cascateiro. 4. Parque das Águas de Caxambu (MG). I. Sérgio dos Anjos Junior, Edwaldo , orient. II. Fois Braga, Humberto , coorient. III. Título.

Maria Salete Ferreira Figueira

Um convite ao olhar: uma proposta de interpretação do patrimônio das obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharela em Turismo. Área de concentração: Patrimônio.

Aprovada em de de .

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Edwaldo Sérgio dos Santos Júnior - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professor Doutor Humberto Fois Braga - Coorientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professor Doutor Guilherme Augusto Pereira Malta
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professora Doutora Romilda Aparecida Lopes
Instituto Federal Sudeste (IFSUDESTE) - Santos Dumont/MG

Em memória de meus pais João e Zilma,
moradores de Caxambu, a partir de 1973.
A eles devo todas as minhas realizações.

AGRADECIMENTOS

Expresso a minha sincera gratidão ao Professor Edwaldo, orientador que me incentivou a sair da zona de conforto ao propormos, juntos, a troca do tema inicial sobre museus pelas obras do artista Chico Cascateiro. Agradeço-lhe pela confiança e parceria neste processo de descoberta e aprendizagem mútua. Ao coorientador, Professor Humberto, agradeço por ter aceitado o desafio e enriquecido este trabalho com ideias valiosas para o projeto da cartilha. A ambos, agradeço pelo acolhimento, pela paciência e pela atenção dedicadas.

Aos professores da banca, Guilherme e Romilda, o meu agradecimento pela atenção e generosidade. A todos os demais professores do curso, cada um deles muito especial, como os Professores Marcelo Knop, Raphaela Corrêa, Carla Fraga, a minha sincera gratidão.

Aos meus amigos e colegas do curso, obrigada pelas trocas de experiências, pelos trabalhos realizados em conjunto.

Um agradecimento especial ao meu amigo Wallas Vasconcelos, um verdadeiro presente que o curso me deu. Juntos, criamos ideias mirabolantes que se transformaram em trabalhos significativos e quanto crescimento conseguimos juntos. Wallas é um talento, designer e artista. Desde o início do curso, foi compreendendo e moldando, através do que eu partilhava, a essência da arte de Chico Cascateiro. Ao final, presenteou-me com sua arte na cartilha deste trabalho, gesto pelo qual serei eternamente grata. Eu também acredito que, sem você, esta caminhada teria sido muito mais difícil. Que o Alto continue a abençoar-te e que a tua jornada acadêmica seja plena de realizações.

Um agradecimento especial à Nádia, cuja livraria é muito mais que isso, é uma biblioteca e um arquivo. Seus conhecimentos sobre a história e os escritores de Caxambu, foi fundamental para o início da minha pesquisa.

À Edna, agradeço pela atenção e incentivo à escrita, especialmente nos momentos iniciais deste trabalho, quando tudo parecia desafiador e ela me fez encontrar o imprescindível.

Agradeço à minha família, em especial à Júlia pelo incentivo pelos meus estudos e ao Paulo, a compreensão diante das ausências inevitáveis pela vida universitária. À minha irmã Juliana, sempre presente em minha vida, o meu reconhecimento de seu afeto.

Agradeço aos pais que tive, que me deram uma criação segura, tornando-me uma pessoa corajosa. Sempre me incentivaram a buscar o conhecimento, o trabalho, o gosto pela música, pelos esportes, pela natureza e pelas viagens. Amo-os eternamente.

Minha gratidão a Nossa Senhora, Mãe protetora e à espiritualidade amiga, que me acompanha, protege e intui os melhores caminhos a seguir.

Por fim, agradeço a mim mesma pela coragem e determinação em enfrentar o desafio de regressar à universidade após 40 anos e realizar um sonho antigo: dar visibilidade às obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG.

“A memória se constrói filtrando e selecionando, ela pode também ser induzida, provocada... a noção de que a memória aparece como enraizada no passado, que lhe fornece seiva vital e ao qual ela serve... é também falsa: a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitação do presente.”

Ulpiano T. Bezerra de Meneses.

RESUMO

O presente trabalho visa discutir a presença das obras de Francisco da Silva Reis, conhecido como Chico Cascateiro, junto ao Parque das Águas de Caxambu/MG, propondo, ainda, a elaboração de um roteiro interpretativo voltado para as obras realizadas pelo artista. A pesquisa tem como ensejo contribuir para melhor integração dessas obras de Chico Cascateiro à dinâmica turística local e a criação de estratégias que facilitem o acesso ao acervo e promovam uma nova experiência para os visitantes, ampliando sua percepção sobre o Parque. Justifica-se tal trabalho pela não existência de um roteiro específico dedicado ao conjunto de obras do Chico Cascateiro, tampouco estudos acadêmicos com ênfase à interpretação ao acervo do artista. A metodologia adotada é de caráter exploratório, baseada em revisão bibliográfica sobre a história de Caxambu, a formação do Parque das Águas e as produções de Chico Cascateiro. A pesquisa inclui ainda observação participante e trabalho de campo, buscando compreender a interação dos visitantes com as obras no Parque e subsidiando a criação de um roteiro interpretativo focado nesse Patrimônio Cultural. Entende-se que a interpretação do patrimônio aqui proposta pode favorecer novos sentidos aos visitantes, melhorando a sua experiência no Parque das Águas, além de contribuir para a preservação do legado de Chico Cascateiro.

Palavras-chave: Roteiro Interpretativo. Interpretação do Patrimônio. Chico Cascateiro. Parque das Águas de Caxambu (MG).

ABSTRACT

This study proposes the development of an interpretive itinerary focused on the artistic heritage of Francisco da Silva Reis, known as Chico Cascateiro, whose works are located in the Parque das Águas in Caxambu, Minas Gerais. The research aims to integrate these works into the local tourism dynamic and create strategies that facilitate access to Chico Cascateiro's works and promote a new experience for visitors, broadening their perception of the Park. It was observed that there is currently no specific itinerary dedicated to the artisan/artist's collection of works, nor are there any academic studies emphasizing the tourist experience of this collection. The methodology adopted is exploratory, based on a literature review on the history of Caxambu, the formation of Parque das Águas, and Chico Cascateiro's productions. The research also includes participant observation and fieldwork, seeking to understand visitors' interactions with the works in the park and supporting the creation of an interpretive itinerary focused on this cultural heritage.

Keywords: Interpretative Route. Heritage Interpretation. Chico Cascateiro. Caxambu Water Park (MG).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Mobiliário rústico, obra do Chico Cascateiro.....	29
Figura 2 — Francisco da Silva Reis, o Chico Cascateiro, na Praça de Silvestre Ferraz, Carmo de Minas, 1921. Autoria desconhecida.....	30
Figura 3 — Banner sobre o Chico Cascateiro no Quiosque do Parque das Águas.....	33
Figura 4 — Protótipo inicial itinerário para o roteiro interpretativo.....	46
Figura 5 — Etapa de criação do mapa para o roteiro interpretativo.....	47
Figura 6 — Cartilha “Um convite ao olhar: Arte viva no Parque - Chico Cascateiro”.....	50
Figura 7 — Entrada do Parque das Águas de Caxambu, MG.....	51
Figura 8 — O caminho à direita leva ao ponto 1 do Roteiro.....	51
Figura 9 — Banco rústico, obra do Chico Cascateiro.....	53
Figura 10 — Detalhes da parte posterior do banco rústico.....	53
Figura 11 — Casinha para aves, obra de Chico Cascaterio.....	54
Figura 12 — Vista geral do Miradouro, obra de Chico Cascateiro.....	55
Figura 13 — Cascata do Miradouro.....	56
Figura 14 — As raízes esculpidas no Miradouro.....	56
Figura 15 — Detalhe de uma flor esculpida no Miradouro.....	57
Figura 16 — Jardineiras do Miradouro.....	57
Figura 17 — Seres esculpidos no Miradouro.....	58
Figura 18 — Acesso ao Miradouro.....	58
Figura 19 — O Parque das Águas visto do Miradouro, obra de Chico Cascateiro.....	59
Figura 20 — Recanto do Miradouro.....	60
Figura 21 — Bancos do Miradouro.....	60
Figura 22 — Assinatura de Francisco da Silva Reis – 1918.....	61
Figura 23 — Nomes escritos na argamassa do Miradouro.....	61
Figura 24 — O tronco da Figueira com o banco de cipós ao fundo.....	62
Figura 25 — A centenária Figueira.....	63
Figura 26 — Casa da Bomba D’água, obra de Chico Cascateiro.....	64
Figura 27 — Detalhe da imitação de bambus gigantes da Casa da Bomba D’Água - obra de Chico Cascateiro.....	65
Figura 28 — Detalhes da arte de Chico Cascateiro na Casa da Bomba D’Água.....	65
Figura 29 — Casa da Bomba D’água, vista de frente, obra de Chico Cascateiro.....	66
Figura 30 — Quiosque, obra do Chico Cascateiro.....	67
Figura 31 — Imitação de troncos de árvores do Quiosque, obra de Chico Cascateiro.....	67
Figura 32 — Imitação de troncos de árvores no Quiosque, obra de Chico Cascateiro.....	68
Figura 33 — Parte central do Quiosque.....	68
Figura 34 — Seres esculpidos por Chico Cascateiro no Quiosque.....	69
Figura 35 — Seres esculpidos por Chico Cascateiro no Quiosque.....	69
Figura 36 — Fotomontagem de desprendimentos e fissuras na argamassa do Quiosque.....	70
Figura 37 — Círculo de Bancos, obra de Chico Cascaterio.....	71

Figura 38 — Bancos do Círculo de bancos, obra de Chico Cascateiro.....	71
Figura 39 — Montagem de algumas páginas da cartilha “Um convite ao olhar: Arte viva no parque - Chico Cascateiro”.....	72
Figura 40 — Parapeitos do pontilhão do Rio Bengo de Caxambu, MG, obras de Chico Cascateiro.....	72
Figura 41 — Repuxo da Praça 16 de Setembro de Caxambu, MG, obra de Chico Cascateiro..	73
Figura 42 — Coreto da Praça 16 de Setembro em Caxambu, MG, em sua base,.....	74
obra de Chico Cascateiro.....	74

LISTA DE MAPA

Mapa 1 — Mapa do Roteiro Interpretativo das obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG.....	48
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Objetivo Geral.....	13
1.2 Objetivos Específicos.....	14
1.3 Justificativa.....	14
2 METODOLOGIA.....	18
3 CAXAMBU E O PARQUE DAS ÁGUAS.....	21
4 FRANCISCO DA SILVA REIS, O CHICO CASCADEIRO.....	28
5 ROTEIRO E INTERPRETAÇÃO DA ARTE DE CHICO CASCADEIRO NO PARQUE DAS ÁGUAS DE CAXAMBU, MG.....	35
5.1 Breves considerações sobre a observação participante e o trabalho de campo.....	35
5.2 Roteiro Interpretativo.....	39
5.2.1 Levantamento dos Roteiros com referência ao Chico Cascadeiro em Caxambu.....	41
5.2.2 A Interpretação do Patrimônio das Obras de Chico Cascadeiro.....	42
5.3 Elaboração do roteiro interpretativo das obras de Chico Cascadeiro.....	44
5.3.1 Mapeamento do Roteiro Interpretativo ao Patrimônio Artístico de Chico Cascadeiro.....	45
5.3.2 Referências às obras de Chico Cascaterio do Roteiro Interpretativo no Parque das Águas de Caxambu.....	49
5.3.2.1 1º Momento: Banco rústico.....	52
5.3.2.2 2º Momento: Casinha para aves.....	54
5.3.2.3 3º Momento: Miradouro.....	55
5.3.2.4 4º Momento: Banco de cipós.....	62
5.3.2.5 5º Momento: Casa da bomba d'água.....	63
5.3.2.6 6º Momento: Quiosque.....	66
5.3.2.7 7º Momento: Círculo de bancos.....	70
5.3.2.8 Parapeitos do pontilhão do Rio Bengo - Praça 16 de Setembro, Caxambu, MG.....	72
5.3.2.9 Repuxo da Praça 16 de Setembro de Caxambu, MG.....	73
5.3.2.10 Cascata do Coreto da Praça 16 de Setembro, de Caxambu, MG.....	73
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	77
REFERÊNCIAS DE MATERIAIS DE COMUNICAÇÃO.....	81
APÊNDICE A — CARTILHA DO ROTEIRO INTERPRETATIVO DAS OBRAS DE CHICO CASCADEIRO NO PARQUE DAS ÁGUAS DE CAXAMBU - MG.....	83

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Caxambu está localizada no sul de Minas Gerais, possuindo cerca de 21 mil habitantes, além de uma área territorial de 100,483 km² (IBGE, 2022). Já o Parque das Águas é um atrativo que possui, para além de dez fontes de águas de diferentes propriedades e sabores, um gêiser¹, piscinas de água mineral, balneário com duchas, massagens, quadras de esportes e um lago com pedalinhas. Cada uma das águas jorra em fontes de especial arquitetura, chamadas de pavilhões de águas minerais. Esses pavilhões chamam a atenção por seus ornamentos, frisos, cúpulas, que, junto a seu entorno, formam o Conjunto Paisagístico e Arquitetônico, tombado pelo Estado de Minas Gerais através do Decreto do executivo nº. 40.288, datado de 01/03/1999, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, MG (IEPHA).

O Parque das Águas, em sua criação, contou com o trabalho dos fingidores/cascadeiros², dentre eles, Francisco da Silva Reis, o Chico Cascadeiro. Importa considerar que esse tipo de trabalho chega ao Brasil no final do século XIX e início do século XX, período da *Belle Époque* francesa, valorizando a forma rústica de construção na formação de jardins românticos, com ideais do belo e do pitoresco. Todavia, a despeito dessa iniciativa, é relativamente comum, tanto na bibliografia em torno do Parque das Águas, quanto observando visitas ao local, perceber que há pouco espaço para discutir o legado patrimonial de Chico Cascadeiro no Parque.

1.1 Objetivo Geral

O presente trabalho visa analisar a presença e o significado das obras de Francisco da Silva Reis, conhecido como Chico Cascadeiro, junto ao Parque das Águas de Caxambu, MG, propondo, ainda, a elaboração de um roteiro interpretativo que valorize e contextualize os trabalhos realizados pelo artista.

¹ Gêiser é uma nascente termal que entra em erupção, lançando uma coluna de água de até 8 metros, com uma temperatura média de 27° C. pela pressão do gás em intervalos variados. Caxambu possui o único gêiser do Brasil, Gêiser Floriano de Lemos (Lemos, 2007).

² A função de cascadeiro ou estucador, era uma profissão reconhecida e anunciada nos jornais do Rio de Janeiro no final do século XIX, especialistas em fazer mobiliário dos jardins modelados em argamassa com imitação da natureza, as *rocailles* (Magalhães, 2015).

1.2 Objetivos Específicos

Como objetivos específicos, espera-se: contextualizar o Parque das Águas de Caxambu, analisando a presença das obras de Chico Cascateiro na dinâmica turística do município; elaborar um roteiro interpretativo do percurso para as obras de Chico Cascateiro localizadas no Parque das Águas, propondo estratégias que promovam a democratização do acesso ao patrimônio artístico; estimular uma experiência turística e de lazer que amplie a percepção dos visitantes sobre o Parque das Águas, valorizando seus aspectos culturais e artísticos.

1.3 Justificativa

A escolha de Chico Cascateiro para o Trabalho de Conclusão do Curso de Turismo partiu da minha trajetória de vida na cidade de Caxambu. Meus pais se mudaram para o município em 1974, passando a estudar em colégios da cidade, mas na adolescência me mudei para Juiz de Fora, com o propósito de cursar Ciências Biológicas na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Contudo, meus pais fixaram residência em Caxambu, cidade à qual sempre retornei nos fins de semana e durante os períodos de férias escolares, até os dias de hoje.

Como bióloga e também na vida profissional, mantive constante proximidade com a arte e a história. Em 2007, após um curso de Gestão do Patrimônio Cultural, o qual ampliou meu olhar sobre as representações artísticas inspiradas na natureza presentes no Parque das Águas de Caxambu, elementos que desde a juventude já despertavam meu encantamento. Com o passar dos anos, acompanhei com interesse o trabalho da pesquisadora Cristiane Magalhães em Jardins Históricos, com quem tive a oportunidade de interagir em encontros sobre águas e patrimônio realizados em Caxambu. Ao ingressar no curso de Turismo da UFJF, renovei meu compromisso com a valorização das obras do artista Chico Cascateiro, cuja produção artística no Parque merece maior atenção e reconhecimento.

Ao longo desses 50 anos, pude vivenciar e observar as modificações ocorridas na cidade, no Parque das Águas e junto aos frequentadores, mas, principalmente, as obras do Chico Cascaterio. Expresso, assim, minha preocupação diante do visível descaso com as obras dele, que se encontram sem qualquer sinalização e

identificação, já apresentando sinais de deterioração, como rachaduras, fissuras, descolamentos e uso inadequado. Além disso, temo que futuras intervenções sejam realizadas sem o devido acompanhamento técnico especializado, comprometendo a integridade e a proposta dessas expressões artísticas singulares.

É importante salientar que o acervo do Chico Cascateiro não figura em um roteiro próprio às obras do artista, difundido pela cidade, tampouco algo é realizado como uma experiência nova para os visitantes do Parque.

Entre os 13 roteiros oferecidos para a região de Caxambu pela Prefeitura, a “Rota Memória, Terra e Água” faz menção à possibilidade de se “conhecer esculturas do artista Chico Cascateiro”, na Praça 16 de Setembro, e o “Roteiro Uma luz na História” possui uma passagem por uma de suas obras. Penha (2024), publicou um roteiro autoguiado pelo Parque das Águas com a imagem somente do Miradouro do artista (Penha, 2024, p.10).

Além disso, ao analisar os trabalhos acadêmicos a respeito do Parque das Águas, nota-se não haver um estudo específico do conjunto das obras do Chico Cascateiro para um visitante/turista.

As publicações de maior relevância encontram-se nos trabalhos de Machado e Gorgone, Lemos, Magalhães e Silva.

Os caxambuenses, o psicólogo Manoel Mata Machado e o poeta Eustáquio de Oliveira Gorgone, no final da década de 1980, despertaram a atenção para as obras esculpidas a imitar bambus, troncos, madeiras e pedras, existentes no Parque das Águas de Caxambu e passaram a pesquisar por anos, Francisco da Silva Reis, o autor das esculturas em argamassa e nomearam suas pesquisas de “Projeto de Chico Cascateiro”. O resultado de suas pesquisas subsidiam em grande parte, as informações que existem sobre a vida de Chico Cascateiro na região.

A antropóloga Maria de Lourdes Lemos organizou e publicou três livros (1998, 2001 e 2007), a partir de documentos coletados por seu pai, Floriano de Lemos, sobre a história de Caxambu e o Parque das Águas.

A professora doutora em história, Cristiane Maria Magalhães possui uma vasta pesquisa referente aos Jardins Históricos do Brasil do final do século XIX e início do XX, onde estão inclusos os jardins paisagísticos de estilo romântico, destacando os

trabalhos em concreto armado e o mobiliário modelado com imitação da natureza. Ao estudar as obras rústicas e ornamentais dos artífices da técnica do *rocailles* no Brasil, dedicou atenção ao Chico Cascateiro.

O doutor em História, Francislei Lima da Silva, em seus trabalhos, apresenta em detalhes a formação dos parques das águas de Caxambu e de Lambari, MG, com um importante acervo de imagens dos projetos elaborados para os balneários e menciona a participação do trabalho de Francisco da Silva Reis. Silva (2015) também escreveu aspectos referentes à proteção de suas obras de Chico Cascateiro.

Os estudos acadêmicos, os sites institucionais e as publicações de cunho expositivo que abordam a obra de Chico Cascateiro fundamentam-se, em sua maioria, nos autores previamente mencionados. Verifica-se, de maneira recorrente, a ênfase conferida à técnica singular e à excelência do trabalho desenvolvido por esse artesão/artista. Contudo, apesar do reconhecimento por parte desses estudiosos, constata-se que as obras do Chico Cascateiro ainda carecem de uma valorização mais ampla.

Os levantamentos realizados para este estudo evidenciam uma lacuna significativa: a escassez de trabalhos que apresentem de forma integrada o conjunto das obras do artista e que promovam uma interpretação a partir da percepção estética e sensível do público visitante. Diante do exposto, propõe-se a elaboração de um roteiro interpretativo, passando por sete obras do Chico Cascaterio no Parque de Caxambu, escolhidas segundo critérios de localização, características estéticas e detalhes ornamentais que permita ao visitante uma aproximação com as obras do artesão/artista e favoreçam a fruição aliada ao conhecimento histórico e cultural. O trabalho também propõe, como produto, uma cartilha destinada principalmente ao público infantojuvenil, uma cartilha informativa e de atividades lúdicas, em conexão com o roteiro interpretativo proposto.

Considerando essas premissas, o presente trabalho estrutura-se em cinco capítulos. No primeiro, é apresentada uma introdução ao tema, contextualizando o Parque das Águas de Caxambu e a importância das obras de Chico Cascateiro. Em seguida, apresenta-se o objetivo geral do trabalho, os objetivos específicos e a justificativa. O segundo capítulo destina-se a apresentar os aspectos metodológicos do

trabalho, sobretudo pormenorizando a abordagem adotada na pesquisa, a revisão bibliográfica, apoiando-se em importantes pesquisadores do patrimônio cultural da região. Demais aspectos relacionados à metodologia encontram-se no item 5.1, por considerar que observação participante e o trabalho de campo derivaram um produto, o Roteiro Interpretativo. A segunda parte do trabalho se inicia com o capítulo sobre Caxambu e o Parque das Águas, trazendo um panorama histórico e artístico da cidade, destacando o surgimento das fontes, a formação do Parque e sua inserção no contexto das estâncias hidrominerais da *Belle Époque*. O capítulo seguinte é dedicado a Francisco da Silva Reis, o Chico Cascateiro, com foco em sua trajetória, técnica de produção artística e legado nas obras moldadas em argamassa que compõem o mobiliário e os elementos escultóricos do Parque. O capítulo final, intitulado Roteiro e Interpretação da Arte de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG, é subdividido em seções que abordam o trabalho de campo, o levantamento dos roteiros existentes, os fundamentos da interpretação do patrimônio, a proposta concreta do roteiro interpretativo e a descrição detalhada das obras em dez momentos distintos. O trabalho se encerra com as considerações finais, que sintetizam os achados da pesquisa e reiteram a importância de reconhecer e preservar o acervo artístico do Chico Cascaterio como patrimônio cultural vivo.

2 METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, este trabalho, de caráter exploratório, tem como base uma revisão bibliográfica de publicações relativas à história de Caxambu, à constituição do Parque das Águas e às obras do Chico Cascateiro. Os pressupostos da observação participante num trabalho de campo, que buscou compreender a relação entre os visitantes às obras do Chico Cascateiro, bem como vistas a subsidiar a elaboração de um roteiro interpretativo a partir das obras do artista, encontram-se apresentados no capítulo 5, p. 35, por conectar-se ao desenvolvimento do roteiro proposto.

Para o estudo da formação de Caxambu e do Parque das Águas, têm-se a contribuição de Maria de Lourdes Lemos, que através da coleta e organização de documentos sobre a cidade de Caxambu, resultou em três importantes publicações. O livro de 1998, contém centenas de crônicas científicas sobre Caxambu (1912 a 1968) de seu pai Floriano de Lemos, médico, jornalista e escritor, contendo informações históricas a respeito da formação do Parque, da cidade, os costumes, os personagens, as festas, a relação das águas com a medicina, contendo imagens e recortes de jornais, notas e recibos. Na obra de 2001, a autora se dedica ao Parque das Águas, sendo que dedica 2 páginas ilustradas com a “Arte de Francisco da S. Reis no Parque das Águas” (p. 47- 48). Na publicação de 2007, Lemos realiza uma releitura da história de Caxambu, obra de cunho mais acadêmico, contendo a trajetória de formação da cidade, do Parque, da sociedade, ao tombamento do Patrimônio Histórico e Artístico pelo IEPHA. Sua contribuição foi fundamental como referência para este trabalho, no que tange a formação da cidade de Caxambu e do Parque das Águas.

Quanto às informações sobre a vida e obras do Chico Cascateiro, referência-se os pesquisadores Manoel Mata Machado e Eustáquio Gorgone, que em 1988, despertam a atenção para as obras esculpidas a imitar bambus, troncos, madeiras e pedras, existentes no Parque das Águas de Caxambu e passam a pesquisar o autor das esculturas, Francisco da Silva Reis e nomeiam suas pesquisas de “Projeto de Chico Cascateiro” proposto ao Ministério da Cultura (Machado, 2015, p. 13). Machado e Gorgone, pesquisaram o passado do artesão em doze cidades do sul mineiro, como Caxambu, São Lourenço, Cristina, Passa Quatro, Carmo de Minas, por praças, jardins

públicos, residências e fazendas. Machado declarou que “a maioria dos dados colhidos em sua pesquisa, foram transmitidos por pessoas que o conheceram ou que trabalharam com ele” (Machado, 2015, p. 13). Gorgone escreveu em 2004, “Jardins Esquecidos: a arte em argamassa nas obras de Francisco da Silva Reis” contendo dados da biografia e o trabalho sobre o Chico Cascadeiro, dados esses que subsidiam trabalhos a partir de então.

Cristiane Maria Magalhães, a partir de 2008, passa a publicar suas pesquisas concernentes ao patrimônio paisagístico e jardins históricos brasileiros do final do século XIX e início do século XX. Neste contexto, destacam-se os dados referentes ao ajardinamento das cidades das águas mineiras, em especial os jardins paisagísticos de estilo romântico, presentes nos parques e jardins. Evidencia-se, nesse âmbito, as obras rústicas e ornamentos executados em concreto armado e argamassa, bem como o mobiliário modelado por artífices que imitavam formas da natureza. Esses elementos contribuíram significativamente para a compreensão do ambiente paisagístico que envolveu o trabalho do Chico Cascadeiro, especialmente na concepção das obras em Caxambu. Importa salientar que Magalhães esteve com Eustáquio Gorgone em Caxambu, em 2006, tendo realizado uma entrevista da qual recolheu informações relevantes sobre o artesão (Magalhães, 2008).

Francislei Lima da Silva, pesquisador da formação das estâncias balneárias da virada do século XIX para o XX, em que sua dissertação de 2011, apresenta detalhes da formação dos Parques das Águas de Caxambu e de Lambari, MG, na essência da *Belle Époque*, com destacado acervo de imagens dos projetos de construção dos pavilhões das fontes de água. O pesquisador menciona a participação, segundo ele, do mais importante “cascadeiro” da região, Francisco da Silva Reis (Silva, 2011, p. 96). Silva (2015) também publicou estudos sobre a proteção das obras em argamassa, como as de Chico Cascadeiro, destacando fatores de descaracterização de algumas de suas obras.

No que se refere à pesquisa documental, recorreu-se ao antigo Arquivo Histórico da cidade de Caxambu, atualmente sede da Secretaria Municipal de Turismo e Cultura, com o objetivo de localizar documentos históricos, especialmente aqueles relacionados ao parque, no período em torno de 1918, data de chegada do Chico Cascadeiro em

Caxambu. Realizou-se também investigação ao Arquivo Histórico de Baependi, com a intenção de encontrar registros sobre o Chico Cascateiro. Em ambos, não houve sucesso.³

A seguir, apresentamos os aspectos sobre a formação da cidade de Caxambu, cuja parte da história está atrelada à construção de um balneário hidroterápico, o Parque das Águas, cenário da participação do personagem deste estudo, o Chico Cascateiro.

³ Destaca-se ainda que, na internet, com referência ao Chico Cascaterio, encontram-se os vídeos do YouTube sobre o Chico Cascateiro, com especial destaque ao documentário, ano 2000, de Manoel Mata Machado e Eustáquio Gorgone, “Chico Cascateiro Artesão Naturalista” e o vídeo ano 2020, lançado pela Secretaria de Turismo e Cultura de Caxambu, “Educação Patrimonial - Chico Cascateiro”. Esse último é também veiculado pelo Facebook da Escola Municipal Padre Correia de Almeida, de Caxambu. O Grupo Jardins Históricos do Brasil, do Facebook, veicula informações e imagens antigas sobre o Parque e seus jardins, postadas por membros pesquisadores que fazem parte desse grupo, como a pesquisadora Cristiane Magalhães. Também pelo Facebook, o Chico Cascaterio é mencionado pelo Hotel Palace e Hotel Glória.

3 CAXAMBU E O PARQUE DAS ÁGUAS

Neste capítulo, apresentamos um histórico da origem do nome, da formação e da ocupação de Caxambu, com base nas obras de Maria de Lourdes Lemos⁴, atendo-nos às principais datas, para melhor compreensão acerca da criação do Parque das Águas e, em consequência, das obras de Chico Cascateiro no local.

Há pensadores que defendem ser Caxambu de origem tupi-guarani e derivar-se de **catã**, **umbu**. Outra versão para a palavra seria **catmbu**, de **catã**, que significa golfar, **mbu**, o mesmo que ferver (Lemos, 1998). Todavia, adotamos o entendimento de que Caxambu estaria relacionado a **cacha**, tambor, e **mumbu**, música, que resultou em **Cachambu**, grafia encontrada nos documentos antigos (Lemos, 2007).

De todo modo, a cidade de Caxambu é considerada uma das maiores estâncias hidrominerais do mundo, o que se deve às 12 fontes de água mineral encontradas no Parque das Águas Doutor Lisandro Carneiro Guimarães, conhecido como Parque das Águas, que tem 210.000 m² e se iniciou a partir da descoberta, em 1814, das fontes de águas minerais, enquanto a região era apenas uma fazenda da comarca do Rio das Mortes (Prefeitura de Caxambu⁵, 2025).

Do ponto de vista da regionalização do Turismo, Caxambu faz parte do Circuito das Águas de Minas Gerais, uma Instância de Governança Regional do Turismo, composto de 14 municípios, integrando o mapa do Turismo Brasileiro⁶.

A edificação das estâncias balneárias das Águas Virtuosas do Caxambu, assim como da vizinha cidade de Lambari, em finais do século XIX, permitiu que se tornassem “hidrópolis, centros [ditos] difusores de hábitos saudáveis e civilizados”, princípios importantes à época e firmados a partir da cura por meio das águas minerais (Silva, 2012, p. 9).

Silva apresenta a existência de uma política de saneamento do Governo do Estado de Minas Gerais em finais do século XIX, que passa a financiar projetos concernentes à construção de fontes, pavilhões e chafarizes na formação de um

⁴ Maria de Lourdes Lemos, doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Herdou vasto acervo de seu pai, Dr. Floriano de Lemos, sobre a historiografia de Caxambu. Publicou três livros sobre Caxambu e suas águas.

⁵ História do Município - Disponível em: <https://www.caxambu.mg.gov.br/cidade>. Acesso em 2 fev.2025

⁶ Caxambu possui classificação B dentro do Mapa do Turismo, o que indica que o município possui potencial turístico.

complexo aquífero nas cidade de águas minerais, visando o crescimento das cidades mineiras e a economia de exportação das águas, além das funções de recreio e o turismo de cura (Silva, 2012).

Os projetos, nessa época, realizados por engenheiros, arquitetos e médicos, eram orientados para a melhoria das condições sanitárias e o embelezamento dos locais. Na *Belle Époque* fortificaram-se as ideias de melhoramentos e seus termos abrangentes: progresso, remodelação, urbanidade, sanitarismo e embelezamento (Silva, 2012).

Nesse contexto, o Parque das Águas, em sua criação, contou com o trabalho dos fingidores/cascadeiros, como eram conhecidos em Portugal, ou *rocailleurs*⁷ na França, ou seja, artistas/artesãos que trabalharam na formação dos Jardins Históricos nas primeiras décadas do século XX, entre os quais estava Francisco da Silva Reis, que passou a ser conhecido como Chico Cascadeiro.

Voltando a discussão ao *locus* deste trabalho, tem-se o Parque das Águas Dr. Lysandro Guimarães, que está implantado em uma área de 210 mil metros quadrados⁸, em meio a um conjunto vegetal, paisagístico e arquitetônico em estilo francês, com um lago artificial e um morro ao fundo. O local possui ainda vegetação nativa e exótica, bosque, jardins e alamedas. A fauna também pode ser visualizada no Parque, contribuindo para a manutenção e a propagação das espécies vegetais (Untura Filho, 2013).

As águas minerais⁹ encontradas em seus 10 fontanários são o maior atrativo do Parque de Caxambu. São 12 mananciais diferentes, o que confere à cidade o título de maior diversidade de águas minerais do mundo (Untura Filho, 2013).

As construções da metade do século XX, que abrigam as fontes D. Leopoldina, Duque de Saxe e Beleza, seguiram o estilo das fontes francesas do período, com desenhos e materiais belgas. Os prédios do balneário e do engarrafamento das águas, os fontanários, o coreto, abarcam diferentes tipologias arquitetônicas, passando pelo

⁷ *Rocailleurs*, termo derivado de *rocaille*, estilo francês de decoração, com curvas, ondulações e elementos da natureza.

⁸ Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais - CODEMIG. Em 2018 a empresa deu origem à Companhia de Desenvolvimento de Minas Gerais - CODEMGE.

⁹ Art. 1º Águas minerais são aquelas provenientes de fontes naturais ou de fontes artificialmente captadas que possuam composição química ou propriedades físicas ou físico-químicas distintas das águas comuns, com características que lhes confirmam uma ação medicamentosa. (Brasil, 1945).

eclético, pela *art nouveau*, pela *art decó*, pelo *neoclássico* e o moderno (CODEMIG, 2017).

O Parque também conta com duas piscinas externas, uma para adultos e outra para crianças, abastecida com a água da fonte Mayrink.

Ao final das alamedas, tem-se o lago do Parque. Projetado e construído a partir de 1946, com 51 m² de extensão, traz em uma de suas margens acesso ao teleférico, que leva os visitantes até o alto do morro Caxambu.

Para além das águas, o Parque conta ainda com o gêiser, o balneário hidroterápico, as quadras de esportes, o circuito para caminhadas e os brinquedos infantis. Tudo em meio à flora circundante, e nela os mobiliários rústicos do artista Chico Cascadeiro, um expressivo conjunto artístico de obras moldadas em argamassa.

Quanto à sua gênese, foi no início do século XIX (1814) que surgiram as primeiras notícias sobre a descoberta das águas minerais junto ao morro Caxambu, que traziam benefícios à saúde (Monat¹⁰, 1894, *apud* Lemos, 2007, p.23). Com a propagação das curas, ampliou-se o interesse em torno das qualidades da água, que foi extremamente significativo de 1830 a 1940.

Em 1843, um negociante de Baependi, João Constantino Pereira Guimarães, percebendo a importância de tais águas, realizou obras de infraestrutura e o beneficiamento das Águas Virtuosas de Baependi, com o apoio de amigos. Em 1850, construiu em suas terras a primeira casa junto às fontes, com dois cômodos, sala de bilhar e de negócio. Por isso, é considerado o fundador das Águas Virtuosas de Baependi (Lemos, 2007). Em 1852, associou-se à Teixeira Leal e a José Nogueira para explorar as águas, instalando a Companhia de Águas Minerais Caxambu (Untura Filho, 2013).

Em 1875, o povoado das Águas Virtuosas de Baependi passa à Freguesia das Águas Virtuosas de Caxambu. À época, na Freguesia foram realizados melhoramentos no abastecimento de água, calçamento de passeio, placas com nomes das ruas e iluminação a querosene; abertura de lojas de secos e molhados, de fazendas, armarinhos, calçados e bebidas finas, além de farmácia, agência dos Correios, fábricas de macarrão e de sabão, estabelecimentos de bilhar e jogos recreativos (Lemos, 2007).

¹⁰ Dr. Henrique Monat, médico que publicou a obra Caxambu, em 1894.

Ainda segundo Lemos (2007, p. 87), no ano de 1901, foi criado o município de Caxambu, com território desmembrado de Baependi. A cidade passou a ligar-se a Lambari e Cambuquira pela estrada de rodagem inaugurada em 1927 (Lemos, 2007).

Um fato curioso, digno de nota, é que a visita da Princesa Isabel em 1868 teve desdobramentos favoráveis para a melhoria dos locais dos mananciais das águas. Foi nomeada uma comissão de membros da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro para fazer a análise das águas minerais de Caxambu (Lemos, 2007), fato que as tornou mais conhecidas.

De 1886 a 1890, a Empresa das Águas Minerais de Caxambu e Contendas realizou benfeitorias na Freguesia de Caxambu. Ela foi comprada por Francisco de Paula Mayrink, que, em 1890, executou a captação das fontes Mayrink, Duque de Saxe e D. Leopoldina (Lemos, 2007).

Após as notícias de curas, doentes com enfermidades até mesmo tidas como “incuráveis” vinham para fazer uso das águas santas, das águas virtuosas. As hospedarias eram ranchos de palha, sem nenhum conforto. O percurso do Rio de Janeiro a Caxambu, atravessando a Serra da Mantiqueira, era de três dias em lombo de burros, até que surgiram as linhas ferroviárias e, muito depois, as estradas de rodagem.

Alguns arrendatários da exploração das águas foram sendo substituídos na Empresa até 1904, quando o governo de Minas implantou um novo sistema administrativo nas estâncias hidrominerais e encampou a Empresa das Águas Minerais de Caxambu e a arrendou por 15 anos para particulares.

Um anseio presente à época era a busca pela saúde, o embelezamento das cidades e, com isso, a construção de jardins e praças públicas. O povoado das Águas Virtuosas de Baependi, que passa a município de Caxambu em 1901, também passou por melhoramentos: calçamentos, iluminação a querosene, lojas de secos e molhados, jogos de bilhar e as primeiras casas de aluguel.

De 1911 a 1920, o Parque recebeu a construção e o término dos projetos dos prédios e pavilhões das fontes, feitos no início da década. Foram implantados jardins ingleses e as obras de Francisco da Silva Reis, o Chico Cascadeiro, “com seus lagos, grutas, cascatas, quiosques e bancos rústicos, imitando a natureza” (Lemos, 2007, p. 171).

Contudo, pesquisas de Souza (2014) apontam o enfraquecimento do turismo na cidade, e destaca, entre os pontos fracos de sua pesquisa, a falta de atividades culturais e aponta como uma das alternativas e recursos para o turismo, o fortalecimento do conhecimento da história da própria cidade e do Parque pelos moradores (Souza, 2014, p. 68). Sebastião (2023), em seus estudos nove anos depois, corrobora com Souza, comentando que Caxambu tem o turismo como importante fonte econômica, mas declinou frente ao que já foi antigamente, quando o movimento de turistas era maior e majoritariamente composto por pessoas de maior renda. Hoje, o turismo na cidade não parece ser tão relevante para economia do município, havendo baixa oferta de empregos (Sebastião, 2023, p. 62).

Já no que tange ao Parque das Águas, algumas outras observações se fazem necessárias.

Magalhães¹¹ (2015), ao estudar os jardins históricos do Brasil, explica que o cenário entre o final do século XIX e início do XX era de remodelação dos espaços urbanos, sendo que a Europa buscava organizar, dar salubridade e embelezamento a seus espaços, já que era o período da *Belle Époque*.

Os recantos de jardins e parques criados à época traduziam os ideais oitocentistas do sublime, do belo, do romântico e da noção do pitoresco, opondo-se às características do barroco, em busca de “um ideal de beleza, [pois] a natureza era sublime e deveria ser recriada para contemplação e admiração” (Magalhães, 2017, p. 20).

A cenografia romântica era composta da combinação de elementos como cascatas, grutas, pavilhões mouriscos e góticos, simulações de ruínas, bosques, riachos, “para criar no espectador a ideia de uma paisagem natural, organizada pelo homem” (Magalhães, 2017, p. 21). Até porque a construção de praças e jardins passa a adotar o modelo do jardim inglês¹² e a arte do naturalismo escultórico (Magalhães, 2008). Já nos projetos para o Parque das Águas, buscou-se o estilo neoclássico com

¹¹ Cristiane Maria Magalhães, historiadora, pesquisadora com grande número de trabalhos publicados em jardins históricos, inclusive os estudos sobre Francisco da Silva Reis, o Chico Cascadeiro.

¹² Os jardins concebidos à época eram conhecidos como parque inglês, parque paisagista ou jardim pitoresco, com traçado dos percursos de forma assimétrica (Pardal, 2006, *apud* Magalhães, 2015, p. 32) e ornamentados com lagos, pontes, cascatas e grutas artificiais.

inspiração francesa e belga e o naturalismo escultórico, que se misturam e se integram à natureza (Magalhães, 2008).

O naturalismo disseminado na França em meados do século XIX é apresentado por Morais (1991, *apud* Magalhães, 2010, p. 3).

o naturalismo, no campo das artes plásticas, buscava configurar um contexto de hedonismo, cujo ensejo era a natureza, em oposição à aura industrial vigente. Era definido como “a doutrina estética que buscava inspiração direta na natureza e a reproduzia com fidelidade”. Não implicaria, porém, cópia fiel da natureza, mas a sua interpretação através da sensibilidade do artista.

A história da formação dos jardins do Parque das Águas, nos anos finais do século XIX e início do XX, coincide com a criação dos jardins e parques de estilo paisagístico na Europa e no Brasil. Com esse referencial, foram projetados diversos espaços, como, por exemplo, a Praça da Liberdade em Belo Horizonte, o Campo de Santana, atual Praça da República, no Rio de Janeiro, em 1880, e o Parque São Clemente, em Nova Friburgo, no ano de 1871.

Para a construção dos jardins românticos no Brasil chegaram imigrantes, artífices, construtores de cascatas e grutas com imitação de minerais e vegetais, para integrar as áreas verdes, o que “foi muito do agrado do povo” (Silva, 2015, p. 178). No Brasil. Esses artífices ficaram conhecidos como cascadeiros ou pedreiros rochistas (Magalhães, 2017). O trabalho do cascadeiro para a criação dos monumentos da água¹³ e mobiliário urbano rústico foi fundamental na composição dos jardins históricos nas primeiras décadas do século XX (Silva, 2015).

As obras em *rocailles* (i.e. realizadas a partir de pequenas pedras e seixos, em uma tradução do francês) tinham como característica falsear elementos naturais com técnicas em cimento armado e eram consideradas obras de arte artificial ou obras rústicas (Magalhães, 2017).

No sul de Minas Gerais, os trabalhos em *rocaille* se destacam pelas obras de Francisco da Silva Reis, o Chico Cascadeiro. Suas obras foram localizadas¹⁴ em

¹³ Os monumentos das águas eram construídos nas estâncias balneárias de Águas Virtuosas de Cambuquira, Caxambu e Lambari. Nas Hidrópolis, com abundância de recursos hídricos, combinava-se o conhecimento de hidráulica ao do engenheiro e do arquiteto para a construção de fontes, chafarizes e pavilhões (Silva, 2015, p. 186).

¹⁴ Levantamento sobre a vida e obras do Chico Cascadeiro, realizado por sete anos, a partir de 1988, através do Projeto Chico Cascadeiro, iniciativa dos pesquisadores caxambuenses, Eustáquio Gorgone de Oliveira e Manuel Mata Machado (Magalhães, 2008, p.2).

Caxambu, Baependi, Carmo de Minas, Passa Quatro, Cristina, Maria da Fé, em uma fazenda em Itajubá, em praças, jardins públicos e residências (Magalhães, 2008).

Este capítulo apresentou parte da trajetória da cidade de Caxambu até se destacar por suas águas minerais terapêuticas que impulsionam a formação de uma das maiores estâncias hidrominerais do mundo. Inserida na então política de fomento ao turismo de saúde, embelezamento e a valorização urbana, o Parque das Águas foi criado como um complexo paisagístico e arquitetônico, de inspiração européia. Para os jardins ingleses, buscou-se uma estética integrada à natureza e aos ideais românticos da época. Apesar da importância histórica e da beleza natural do Parque e suas águas minerais, o turismo em Caxambu entrou em declínio. Ainda assim, o Parque das Águas permanece relevante como patrimônio cultural e paisagístico e contém importantes elementos representantes de uma época.

Já no próximo capítulo, apresenta-se o Chico Cascadeiro, a importância de seu trabalho na formação do Parque das Águas e algumas características de suas obras.

4 FRANCISCO DA SILVA REIS, O CHICO CASCADEIRO

Neste capítulo, discutir-se-á a inserção das obras de argamassa na formação do Parque de Caxambu, a vida e profissão do Chico Cascadeiro, e a elaboração das suas obras, suas inspirações e características.

Na passagem do século XIX para o XX, muitos projetos para a construção de largos, praças e parques, com lagos, pontes, cascatas, coretos e grutas artificiais que pudessem não só proporcionar embelezamento aos locais, mas também contribuir para o bem-estar das pessoas que por ali circulavam. No Brasil não foi diferente: foram criados, por exemplo, o Parque de Santana (1880) e o Parque São Clemente (1871), no Rio de Janeiro, visando a melhoria de vida de seus frequentadores (Magalhães, 2015).

Em Minas, nesse período, começou-se a pensar na construção do Parque das Águas em Caxambu, com obras relacionadas às captações das fontes hidrominerais e à formação de seus jardins, para que as pessoas em busca de uma saúde melhor encontrassem ali o que procuravam.

Assim, em 1918, a Cia. Das Águas de Caxambu contrata Francisco da Silva Reis para esculpir simulacros da natureza. E ele, “para ser sempre fiel às paisagens naturais, representava as orelhas de pau, carcomidos dos troncos, o retorcido dos cipós, as fissuras características da madeira e pequenos insetos, conforme observava nas matas sul mineiras” (Magalhães, 2008, p.4).

O artesão e escultor Francisco da Silva Reis, conhecido como Chico Cascadeiro, segundo Mata Machado (2015, p. 9), ficou conhecido por esse apelido por fazer coretos incrustados em cascatas. Segundo Silva (2015) o profissional dos jardins, cascadeiro, fica entre artesão e/ou artista, próximas ao do estucador e do escultor e sua arte de ‘fingidor’ e comenta, durante o século XIX, haviam fingidores de madeira, mármore e pedra (Silva, 2015, p. 177 - 178). Magalhães (2017) destaca o termo cascadeiro, como uma forma aportuguesada para *rocailleur* (tratado à página 13).

Chico Cascadeiro se destacou por seu trabalho de fingidor/cascadeiro, construindo elementos que imitavam a natureza e se confundiam com ela cascatas, lagos, pontes, grutas artificiais, miradouros, pontes, bordas de repuxos, coretos, quiosques, bancos e caramanchões entre outros, como apontam os estudos de Mata Machado (2015) e Gorgone de Oliveira (2004).

Chico Cascateiro criava o mobiliário rústico para as pessoas se sentarem, como mostra a foto a seguir (Figura 1).

Figura 1 — Mobiliário rústico, obra do Chico Cascateiro



Fonte: Elaboração própria (2025).

Quem era o Chico Cascateiro? Segundo Gorgone (2004), Francisco da Silva Reis, chegou de Portugal de forma clandestina. Realizou importantes obras no Rio de Janeiro, como coretos, pontes e grutas. Quando passou pelo Sul de Minas, era um homem simples, de estatura mediana, magro, de pele clara queimada pelo sol, sempre com calça de algodão, paletó e chapéu de feltro. O autor comenta que a única imagem dele em uma fotografia de 1921 (Figura 2), na Praça de Silvestre Ferraz, atual Carmo de Minas, MG.

Figura 2 — Francisco da Silva Reis, o Chico Cascadeiro, na Praça de Silvestre Ferraz, Carmo de Minas, 1921. Autoria desconhecida.



Fonte: Magalhães, 2008, p.9, *In Anais ANPUH - MG*.
Acervo Mauricio de Castro.

Gorgone assim o apresenta:

Francisco da Silva Reis era um trabalhador pertinaz, iniciando seu ofício já nas primeiras horas do dia e deixando as ferramentas ao cair da tarde. Como a maioria de suas obras era construída em lugares abertos, ocorria-lhe tirar vantagens das condições climáticas, avaliando a quantidade de argamassa preparada para as modelagens. Suas peças não poderiam ser recolhidas nas mudanças bruscas do tempo. [...]

Trabalhando no Sul de Minas Gerais, longe da tutela dos paisagistas ancorados na administração pública das capitais, o artista teve a liberdade necessária para criar enredos naturais interagidos com formas modernas, deixando assinatura nas principais peças do seu acervo. Em Caxambu, no Parque das Águas, gravou seu nome por extenso na argamassa e abaixo dele imprimiu a data em que os trabalhos foram concluídos na cidade. [...]

Parte do texto de *Jardins Esquecidos* (Gorgone, 2004, s/p.)

A partir de sua partida pela Rede Sul-Mineira, Gorgone informa que a localização de Chico Cascadeiro torna-se incerta, restando aos conhecidos a memória de sua contribuição ao embelezamento dos jardins por seus trabalhos em argamassa que encantou gerações. Contudo, destaca Gorgone, a partir de 1940, o estilo paisagístico que o influenciou, oriundo da Europa do século XIX, entrou em declínio, desaparecendo com seus principais mestres (Gorgone, 2004).

Já Neide Marcondes e Manoel Bellotto¹⁵, pesquisadores da USP, conforme Magalhães (2008, apud p.7), buscaram por registros que pudessem trazer mais conhecimento sobre Chico Cascadeiro. Encontraram registros na Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, o registro de sua entrada no Brasil, mencionando o fato de que saiu do Porto de Leixões, Portugal, e chegou ao Porto de Santos pelo vapor Rossetti, em 27 de outubro de 1907, com 41 anos. Embora casado, chegou ao Brasil sozinho. Segundo esses autores, ele teria se instalado pelo menos por duas décadas no sul de Minas Gerais.

A contratação de Chico Cascadeiro em 1913, para o Parque das Águas, coincide em sua trajetória de criação, o estilo neoclássico com inspiração francesa e belga e o naturalismo escultórico, que se misturam e se integram à natureza, visto que o naturalismo estava disseminado na França em meados do século XIX.

Para Magalhães (2015), os jardins paisagísticos ou românticos, do final do século XIX e o início do XX, continham elementos que imitavam a natureza, “traçados biofórmicos”, o uso da vegetação, a “criação de lagos de formas naturalizadas”, formas decorativas em concreto armado, como grutas, rochedos, jardineiras, bancos, pontes, os *rocailles* que recriaram a natureza e com um caráter aparentemente natural e ‘espontâneo’ dos jardins (Magalhães, 2015, p. 145). Nesse período, a Europa buscava organizar, dar salubridade e embelezamento à construção de praças e jardins, que adotaram o modelo do jardim inglês e a arte do naturalismo escultórico (Magalhães, 2008, p. 1).

As esculturas naturalistas de Chico Cascadeiro elaboradas em Caxambu, de acordo com Gorgone Oliveira¹⁶, “era composta de areia, cimento, óleo de baleia, pedaços de tijolos, manilhas, cacos de telhas coloniais e francesas, além de cerâmica para os acabamentos”, sendo que “o óleo de baleia servia para dar liga à massa e proporcionar impermeabilidade à água” (Gorgone *apud* Magalhães, 2017, p. 45), o que também afirma Silva (2015), ao se referir à técnica dos *rocailles*, elementos decorativos obtidos “através de uma argamassa produzida com cimento, areia, gordura de baleia e pelos de crina de cavalo” (Silva, 2015, p.179).

¹⁵ MARCONDES; BELLOTTO, 2003 *apud* MAGALHÃES, 2008, p. 7-8.

¹⁶ Entrevista dada a Magalhães em 2006.

Gorgone de Oliveira (2004) também identificou que as obras com representação de bambus recebiam uma pigmentação natural, e Silva complementa a informação de que a colocação das imitações era obtida através de diferentes tons de terra, como, por exemplo, amarela, ocre, marrom e pó do carvão para os tons mais escuros, misturados à argamassa (Silva, 2015, p.181). Segundo relatos de antigos ajudantes de Chico Cascateiro ao pesquisador, ele usava uma colher de pedreiro com bico fino, espátula e desempenadeira curta ou produzia suas próprias ferramentas de trabalho ou as adaptava (Magalhães, 2017). Assinava as obras na argamassa ainda fresca e as datava, o que pode ser visto por extenso no mirante no Parque de Caxambu.

Ainda de acordo com Gorgone de Oliveira, o artesão não possuía ajudantes fixos; ele os contratava em cada cidade. Nos recibos que o autor encontrou, consta o nome de Francisco da Silva Reis, seu ofício, designado como 'cascateiro', e seus ajudantes, como 'pedreiro', 'ajudante de pedreiro' e 'ajudante de cascateiro' (Magalhães, 2008, p. 8).

Os pesquisadores de Caxambu, Gorgone e Mata Machado encontraram em 1988, um ex-ajudante de Chico Cascateiro, o Sr. Joaquim Antônio, de 80 anos. Ele contou que o artesão passava horas na floresta admirando as árvores, pássaros e insetos para depois reproduzi-los em obras do Parque (Magalhães, 2008). Provavelmente dessa observação advém o uso de detalhes que remetem à fauna e à flora brasileira, como casulos, fungos, cipós, flores, conchas entre outros.

Gorgone de Oliveira defende que Chico Cascateiro tinha o objetivo de que suas obras se confundissem com a natureza e nela se integrassem, criando em suas construções condições para que sementes e plantas se instalassem harmonicamente em suas obras, com que concorda Magalhães (2008, p.8): "as obras de Chico Cascateiro de fato foram integradas na natureza e confundidas com ela".

A Praça 16 de setembro, no centro da cidade de Caxambu, também possui um pequeno jardim com obras do artista, concluídas em 1918. À época, conta a Família Ayres (2016), ele era considerado um simples pedreiro e lamentam não ter sido mencionado na inauguração das obras. O reconhecimento partiu de Guilherme Nogueira de Andrade, redator do Jornal Cidade de Caxambu, de 15 setembro de 1918:

Fructos de uma imaginação fecunda, de um labor inspirado pelo conhecimento da natureza em todo o seu labor luxuriante.

E o que, óra, vaé pelo Parque, onde o primoroso artista se acha em via de concluir a série de maravilhas que, lá erige?

Alli, o espasso é mais amplo e nelle, a pujança de seu genio imitador desenvolveu expansivamente e em maior escala!

Os grupos de assentos toscos, emitação de madeira, em diversos pontos, a graciosa choupana como abrigo da bomba de excuamento de águas pluviaes, e para maior realce a elegante e soberba cascata e respectivo lago, fazendo-se em ponto culminante para o enlevo, agreste, de veranistas que, em mages todos grupos, posem para as classicas e provebiaes photographia, dos que aqui passam as temporadas em pela vilegiatura.

Em todos esses maravilhoso trabalhos de pura imitação da natureza e fina arte, ficará perpetuado o nome de Francisco da Silva Reis, o inimitável e prodigioso Cascateiro (Memória Cult, 2015, p.11).

Infelizmente, no presente ano de 2025, depois de aproximadamente 45 anos do Projeto Chico Cascateiro e 107 anos da criação de suas obras no Parque de Caxambu, o conhecimento sobre o artista não se difundiu, pois as obras no Parque estão se desgastando, sua assinatura ruindo e não há uma só placa de sinalização próxima às obras que façam menção ao artista. Um banner (Figura 3) é exposto em café instalado no Quiosque, obra do Chico Cascateiro.

Figura 3 — Banner sobre o Chico Cascateiro no Quiosque do Parque das Águas.



Fonte: Elaboração própria (2025).

O banner contém a seguinte informação:

“Patrimônio Histórico – Obra de Francisco da Silva Reis – O Chico Cascateiro. Tombada pelo IEPHA, a obra de Chico Cascateiro se destaca pela reprodução de detalhes da natureza, como cogumelos, bambus, insetos, troncos e cipós. A argamassa utilizada pelo artista era composta de cimento, óleo de baleia, pedaços de tijolos, manilhas, cacos de telhas coloniais e francesas, além de cerâmica para os acabamentos. O óleo de baleia era utilizado tanto para dar liga à massa como para conferir impermeabilidade à água. Como não utilizava tinta, a coloração das obras era produzida por meio de pigmentos naturais. O artista ficava horas observando as árvores, pássaros e insetos na floresta que circundava a cidade, para depois reproduzi-los, apropriando-se de elementos da natureza tropical do sul de Minas Gerais para compor suas obras e a maioria delas encontram-se no Parque das Águas de Caxambu (Prefeitura Municipal de Caxambu).

Por conseguinte, no próximo capítulo, apresenta-se uma proposta de interpretação do patrimônio artístico de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, como estratégia de visibilização e reconhecimento de suas obras.

5 ROTEIRO E INTERPRETAÇÃO DA ARTE DE CHICO CASCAITEIRO NO PARQUE DAS ÁGUAS DE CAXAMBU, MG.

A visita a uma cidade turística pressupõe a busca por experiências que satisfaçam os interesses e expectativas do visitante. Na contemporaneidade, em que o turismo se apresenta como uma prática amplamente difundida, as pessoas procuram por vivências que promovam lazer, descanso, aquisição de conhecimentos, bem como contato com a natureza e com as expressões artísticas.

De acordo com Tavares (2002), a elaboração de um roteiro turístico exige o conhecimento das condições do local a ser visitado, além do estudo da oferta turística, dos elementos históricos, culturais, artísticos, entre outros. A organização da visitação deve, portanto, considerar o aspecto que se pretende enfatizar, de modo a torná-lo inteligível ao visitante (Tavares, 2002, p. 45). No contexto deste trabalho, o objetivo é tornar visíveis as obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas, integrando-as ao percurso turístico e destacando seu valor cultural e artístico.

Antes de apresentar a proposta do roteiro, é importante destacar algumas considerações sobre o trabalho de campo realizado pela pesquisadora, momento importante para apreender usos, ausências e práticas de visitantes levadas a efeito no Parque das Águas, especialmente em espaços próximos ou diretamente ligados ao legado de Chico Cascateiro. Além disso, apresenta-se a síntese da coleta de informações sobre roteiros já existentes junto ao Parque das Águas.

5.1 Breves considerações sobre a observação participante e o trabalho de campo

Inspirada nos pressupostos da observação participante, tal como apontados por Magnani (1998), White (2005) e Giumbelli (2002), para a realização desta pesquisa, buscou essa metodologia para compreender a interação dos visitantes com as obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu. Essa abordagem, fundamental na Antropologia, como destacado por William Foote Whyte, representa uma "expressão de uma posição ético-científica voltada para a melhor e mais rica compreensão dos fenômenos sociais, tendo como base o respeito aos indivíduos e grupos investigados" (Whyte, 2005, p. 12). A observação participante envolve uma "constante e intensa aproximação e diálogo com os universos investigados" (Whyte, 2005, p. 12), o que, no

contexto deste estudo, significou a imersão no ambiente do parque para observar de perto as dinâmicas e interações dos visitantes.

Além da perspectiva de Whyte, este trabalho também se beneficia das reflexões de Emerson Giumbelli, apresentadas em seu ensaio "Para Além do Trabalho de Campo: reflexões supostamente malinowskianas". Neste texto, Giumbelli, motivado em parte por sua própria trajetória de pesquisa que privilegiou materiais arquivísticos e fontes textuais e busca problematizar a associação entre trabalho de campo e antropologia, propondo uma releitura dos esclarecimentos de Bronislaw Malinowski.

Embora a pesquisa de Whyte se situe em um distrito urbano e a discussão de Giumbelli, ao analisar Malinowski, parta da tradição malinowskiana aplicada a sociedades "primitivas", a essência da observação participante reside na busca por um contato e uma convivência que permitam apreender o "significado intrínseco" da vida social em questão até a saturação do contexto observado, ou seja, a percepção de certas recorrências em termos de padrões comportamentais. Escolher a observação participante para este estudo permitiu captar os comportamentos e as interações no Parque das Águas em situações cotidianas (Giumbelli, 2002). Todavia, para fins de pormenorização da observação participante em campo, espera-se retornar a esse detalhamento no capítulo 5.

A observação participante no Parque das Águas de Caxambu focou-se na observação direta dos comportamentos dos visitantes. Seguindo a linha de Whyte, que se propôs a observar "pessoas particulares e observação das coisas particulares que fazem" (Whyte, 2005, p. 23). Diferentemente de entrevistas, onde se busca a explicitação de comportamentos em palavras, a observação participante "obriga a situar os dizeres em relação a 'comportamentos integrais'", ou, na ausência de "dizeres" direcionados ao pesquisador, foca nos próprios "comportamentos integrais" observados (Giumbelli, 2002, p. 102).

Foi precisamente através dessa observação focada nas ações que se tornou evidente que a interação dos visitantes se concentrava primariamente nas fontes de águas minerais e na captação de fotografias, demonstrando um foco maior na experiência sensorial e na sua documentação imagética do que na apreciação ou reconhecimento das obras artísticas de Chico Cascadeiro ou do artista por trás delas.

Essas ações observáveis, como Whyte sugere, são "diretamente sujeitas a observação e podem ser registradas como outros dados científicos" (Whyte, 2005, p. 272), fornecendo a base para inferir aspectos sobre a forma como os visitantes vivenciam e atribuem significado ao espaço do parque e seus elementos.

Realizadas idas ao campo entre 2024 e 2025, em busca de compreender não só os usos dos espaços, mas também procurando a ocorrência de relações dos visitantes com as obras de Chico Cascateiro. As idas ao parque foram realizadas no ano de 2024, de 01 a 05 de maio, de 30 de maio a 02 de junho, de 15 a 20 de novembro; de 21 a 24 de dezembro. No ano de 2025, de 01 a 08 de março, de 11 a 20 de maio e de 13 a 16 de junho.

Nos meses de maio e junho de 2024, em ocasião da elaboração do projeto deste trabalho, as idas ao parque tiveram a finalidade de identificar e registrar o maior número de obras do Chico Cascateiro e observar como se encontravam inseridas no ambiente em comparação com os demais bens do conjunto Paisagístico e Arquitetônico do Parque das Águas.

Quanto aos visitantes do parque, observa-se que poucas pessoas se desviam do circuito tradicional das fontes de águas minerais para percorrer a área onde se encontram as obras de Chico Cascateiro, uma vez que tal deslocamento exige sair do trajeto das mesmas. É importante destacar que o Parque das Águas não dispõe de qualquer sinalização direcional que conduza às referidas obras, tampouco de placas informativas sobre elas, ao contrário do que ocorre junto às fontes e ao coreto por exemplo, onde há identificação e contextualização. A única exceção observada é o quiosque concebido por Chico Cascateiro, atualmente ocupado por um café. Nesse espaço, o arrendatário expõe um pequeno banner informativo sobre o artista, confeccionado pela Prefeitura de Caxambu, mencionado à p. 33 (Figura 3).

A partir das observações de campo, foi realizado um primeiro plano para um roteiro de visita, passando por sete obras do Chico Cascaterio no Parque e em três na Praça 16 de setembro, no centro de Caxambu. Através de um vídeo amador do itinerário, foi participado aos orientadores deste trabalho, a ideia inicial para a elaboração de um roteiro interpretativo.

No mês de novembro de 2024, iniciou-se a coleta de dados em órgãos públicos ligados ao turismo, com a finalidade de obter informações acerca de roteiros turísticos oferecidos aos turistas, a fim de averiguar a relevância atribuída às obras de Chico Cascateiro. No dia 19 de novembro, em visita à Secretaria de Turismo de Caxambu, ao averiguar sobre a existência de um roteiro específico às obras de Chico Cascateiro, a resposta foi negativa. Ainda assim, foi disponibilizado um exemplar datado de setembro de 2024, referente a um Roteiro Turístico Autoguiado, que apresenta a história da parte mais antiga do Parque e inclui uma referência ao Miradouro do Chico Cascateiro.

Em seguida, em visita ao Centro de Informações Turísticas, foi observado não haver material de divulgação turístico contendo informações sobre as obras do Chico Cascaterio.

No mês de dezembro de 2024, foram realizadas as imagens do acervo de obras do Chico Cascaterio, com especial atenção aos detalhes ornamentais, visando a utilização em uma proposta interpretativa. Também por se tratar de um mês de maior movimento de visitantes e turistas no Parque das Águas, realizou-se a observação do comportamento das pessoas por ser mais efetiva. O ambiente que mais favoreceu a escuta dos frequentadores foi a área próxima ao gêiser, onde as pessoas costumam interagir mais ao aguardar o momento em que o jato d'água é expelido.

Nas manhãs dos dias 3, 5 e 7 de março de 2025, tive a oportunidade de ouvir moradores de Caxambu e de alguns visitantes manifestando suas percepções sobre os benefícios terapêuticos das águas minerais, sobre a constituição histórica do parque e sobre a gestão atual do espaço. No entanto, é importante destacar que em nenhum desses diálogos houve menção às obras em argamassa produzidas por Chico Cascateiro.

Em todas as visitas ao Parque, com especial atenção aos locais onde se encontram as obras de Chico Cascateiro, foi possível observar que, além do Quiosque, atualmente ocupado por uma cafeteria, o ponto de maior frequência de visitação é o Miradouro, seguido pelos chamados Bancos em Círculos. No Miradouro, é comum que os visitantes realizem fotografias e, em alguns casos, permaneçam sentados no ponto mais alto, voltados para o jardim.

No mês de março de 2025, aguardou-se a visita de alunos de uma disciplina de Patrimônio do Curso da Universidade Federal de Juiz de Fora ao Parque de Caxambu, para a qual esperava-se fazer o teste do roteiro para as obras do Chico Cascaterio, o que não ocorreu.

Em 15 de junho de 2025, registrei a presença de um grupo de turistas provenientes de Barra Mansa em visita ao Parque das Águas. O guia responsável pelo grupo, composto por adultos, conduziu os visitantes à Fonte Leopoldina e, em seguida, dirigiu-se ao Miradouro. Ao longo do percurso, o guia destacou algumas árvores centenárias situadas nessa área mais antiga do parque. Ao chegar ao Miradouro, referiu-se a ele como “planetário”, apresenta breves informações sobre o artesão Chico Cascateiro e sobre a composição da argamassa por ele utilizada nas esculturas. Destacou ainda uma rosa esculpida na estrutura. Após essa breve explicação, o grupo seguiu em direção ao balneário, atravessando a ponte presente na obra, enquanto alguns visitantes permaneceram no local para realizar fotografias. No entanto, foi notável que nenhum dos integrantes subiu até o ponto mais elevado do Miradouro.

De 13 à 16 de junho, às visitas ao parque foram dedicadas a estabelecer a sequência das obras de Chico Cascaterio e a fazer vídeos das vias que acessam às obras, com a finalidade de elaborar o mapa do itinerário para o roteiro interpretativo.

5.2 Roteiro Interpretativo

As obras de Chico Cascateiro são uma manifestação da história do Parque de Caxambu, uma expressão de arte escultórica e uma técnica, que sugere uma narrativa que faz a conexão da natureza com sua imitação.

Já o Roteiro Interpretativo proposto, bem como a Cartilha a ele ligada, como apêndice a este trabalho, partiram da constatação quanto à ausência de informações e sinalizações com relação às obras de Chico Cascateiro no Parque. Além disso, visa ser uma contribuição ao Parque das Águas ao favorecer que as obras de Chico Cascateiro se tornem “visíveis” aos visitantes, para, com isso, fomentar o uso dos sentidos em busca dos detalhes existentes nas obras, que se comunicam com a natureza local.

Tavares (2002, p. 14) conceitua como roteiros turísticos aqueles itinerários de visita de natureza organizada, sendo “um termo genérico utilizado para a

apresentação de itinerários e programações efetuados com finalidade de turismo”. A autora defende que o roteiro não é a sequência de atrativos a serem visitados, mas um elemento para a visualização e conhecimento da realidade existente e da relação sociedade e cultura vigente na localidade. Os conceitos de Tavares (2002) a respeito de roteiro turístico, somados à perspectiva de interpretação da Stela Murta e Albano (2002, p.10), define a proposta deste Roteiro Interpretativo, ou seja, um caminho que se vai percorrer, documento que descreve o caminho contendo informações importantes diversas que orientam os visitantes.

Em suma, o Roteiro Interpretativo é um itinerário previamente estruturado, apresentando informações de elementos que lhe conferem identidade. O roteiro proposto, seguindo os preceitos de Chimenti e Tavares (2020), para a elaboração de roteiros, possui como temática as obras de Chico Cascateiro em Caxambu, MG, para ser realizado à pé por sete locais das principais obras selecionadas, com tempo de duração para o circuito previsto em torno de 50 minutos.

O público que poderá se utilizar do material proposto, que consiste num roteiro e uma cartilha a ele alinhavada, seria o infanto-juvenil que visita o Parque das Águas de Caxambu acompanhado de seus pais, grupos de crianças com os monitores dos hotéis, os escolares da cidade e região. Entretanto, a linguagem utilizada no roteiro a seguir, visa ser “aplicáveis a diferentes faixas etárias, níveis de ensino, contextos e territórios educativos”, conforme preconiza De Bernardi, para a Educação Patrimonial no Programa Educativo do IPHAN (2024, p.05).

O roteiro interpretativo também poderá servir à Educação Patrimonial, a partir da adaptação da mediação às referências das obras do artesão/ artista, bem como as escolhas das atividades e experiências dos sentidos.

Para Menezes (2010), o patrimônio cultural não é um objeto passivo, mas um recurso ativo, apropriado e mobilizado por diferentes grupos sociais em função de interesses específicos. Por se tratar de um patrimônio cultural a que nos referimos, o patrimônio não se reduz a um conjunto de bens materiais ou imateriais herdados do passado, mas constitui-se como uma construção social dinâmica, cujos sentidos e funções variam de acordo com os contextos históricos, culturais e políticos.

Nesse sentido, a Educação Patrimonial poderá ser aplicada, pois cumpre o propósito da interpretação, na medida em que promove a sensibilização para o reconhecimento, a valorização e a preservação do patrimônio. Tal processo ocorre por meio de abordagens que incentivam um olhar afetivo, fortalecendo os laços de pertencimento em relação aos bens culturais, bem como aos elementos naturais característicos de cada localidade (De Bernardi, 2024).

Faz-se necessário ainda, prever como continuidade das pesquisas e propostas para a visita às obras do Chico Cascaterio, a elaboração de um roteiro inclusivo, prevendo acessibilidade nas diferentes dimensões: arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática e atitudinal, propostas por Sasaki (2006), além da acessibilidade social. Dever-se-á utilizar recursos variados que possam requalificar o formato da cartilha do roteiro interpretativo, suas informações e atividades.

5.2.1 Levantamento dos Roteiros com referência ao Chico Cascadeiro em Caxambu.

O conhecimento prévio acerca da disponibilidade de roteiros, mapas e cartilhas referentes às obras de Chico Cascadeiro em Caxambu foi fundamental para a definição do formato de comunicação e do suporte à proposta de interpretação das obras.

Neste sentido, buscou-se por publicações como roteiros turísticos, cartilhas ou materiais destinados aos visitantes, que apresentassem informações específicas sobre o trabalho do artesão. No entanto, o que foi encontrado, revelaram-se bastante incipientes, frente ao conjunto de obras que se tem do artista. Dentre o material encontrado, “Um Atlas Escolar – Histórico e Geográfico do Município de Caxambu”, elaborado pela Secretaria Municipal de Educação - Prefeitura Municipal de Caxambu, no período 2001-2004. No item aspectos turísticos e culturais, o atlas apresenta o parque, suas fontes e somente duas imagens das obras de Chico Cascadeiro: o mirante e a casa das máquinas (Caxambu, 2001-2004, p. 57).

O livreto “Roteiro Turístico Autoguiado: (Re) Descobrimo a História do Parque das Águas de Caxambu (Parte Mais Antiga)”, de Penha (2024), aborda elementos históricos do município e do Parque da Águas, alguns aspectos naturais, artísticos e paisagísticos e também uma menção ao Miradouro do Chico Cascadeiro, com a

descrição sucinta sobre o artista, a técnica utilizada nas modelagens e a assinatura do autor na base de um banco (Penha, 2024, p. 10 -12).

No que se refere à internet, é possível acessar a cartilha “Vamos passear no Parque das Águas de Caxambu?”, elaborada pela CODEMGE (2018). Em suas a cartilha apresenta informações sobre a história do parque, suas fontes. No entanto, refere ao mobiliário do Parque de “estimado valor artístico” atribuído ao Chico Cascateiro; porém, não são incluídas imagens das suas obras (CODEMGE, 2018, p.3).

A Prefeitura de Caxambu, disponibiliza uma página dedicada ao Chico Cascateiro, com referências aos trabalhos de Magalhães (2017) e Gorgone de Oliveira (2004). Esta página está vinculada ao “Roteiro Uma Luz na História”, cujo percurso é feito à vinte e dois pontos de visitação, mas somente uma passagem pelo “Chico Cascateiro”. A Secretaria de Turismo oferece a “Rota Memória, Terra e Água”, com início na Praça 16 de Setembro, o qual faz breve referência à obra do artista, todavia, o trajeto prossegue com visitas ao Museu, trilhas ao Morro Caxambu e aos pontos turísticos, diluindo a centralidade da obra do Chico Cascaterio.

Isto posto, este trabalho busca ampliar o escopo das iniciativas existentes, visando aprofundar o entendimento e a valorização do acervo de Chico Cascateiro em Caxambu. Para isso, propõe-se a criação de um roteiro interpretativo específico, dedicado às sete obras do artista presente no Parque das Águas. O roteiro pretende servir de conexão das obras do artista aos roteiros existentes, bem como o reconhecimento de sua importância histórica, artística e patrimonial, incentivando ações voltadas à sua conservação e proteção.

5.2.2 A Interpretação do Patrimônio das Obras de Chico Cascateiro

Para Murta e Albano (2002, p. 9), a experiência turística é eminentemente visual, “o olhar do visitante procura encontrar a singularidade do lugar”. Os autores afirmam a importância da prática interpretativa para promover a discussão entre os segmentos sociais sobre o lugar, de forma a desenvolver atitudes preservacionistas (Murta e Albano, 2002). Para uma experiência cultural, precisamos traduzir seu sentido para o visitante, convencê-lo do valor do patrimônio e encorajar sua conservação. Tilden

estabelece que, “através da interpretação, a compreensão; através da compreensão, a apreciação; e através da apreciação, a proteção” (Murta e Goodey, 2002, p. 14).

Recorremos aos princípios clássicos de Interpretação listados por Tilden (1967), para orientar a filosofia do esquema interpretativo, acrescidos da visão de Murta e Goodey (2002), no que tange: “focalizar os sentidos do visitante” em relação às características do ambiente; “revelar sentidos com base na informação”; utilizar as artes visuais no material a ser apresentado; “adotar uma abordagem abrangente”, ligando o passado, o presente eo futuro, “provocar, estimulando a curiosidade do visitante”, encorajar o visitante à exploração do que está sendo interpretado; “ser acessível a um público mais amplo possível”; realizar uma “parceria com a comunidade, estimulando a troca de conhecimentos e recursos”; “fomentar a aceitação e tolerância como valores democráticos”, entre outros (Murta e Goodey, 2002, p. 18).

Miranda (2002), ao apresentar os critérios de interpretação do patrimônio de Yorke Edwards (1976), defende haver quatro características fundamentais para essa prática: “[...] é comunicação atrativa; oferece uma informação breve; é realizada na presença do objeto em questão; seu objetivo é a revelação de um significado” (Miranda 2002, p. 95). E acrescenta que ela deve estar voltada para captar a atenção do público; ter mensagem compreensível, com significado claro; ser interessante para o ego; ter um roteiro lógico, com contexto e uma ideia central; possa ser o patrimônio reconhecido com facilidade após a apresentação.

Miranda também faz referência a Holtz, observando que:

no curto período de tempo de uma ação interpretativa, não é provável que os visitantes estabeleçam vínculos afetivos ou cheguem, por sua própria conta, a uma conexão com o lugar que estão visitando. O público deve, portanto, receber uma certa ajuda para que possa compreender, desenvolver atitudes e comportamentos” (Holtz, 1976, *apud* Miranda, 2002, p. 97).

Murta preconiza que quando se trata de um programa de visitação, o roteiro é fundamental para estruturá-lo. Nele se estabelece o conteúdo narrativo da interpretação, conforme o tema proposto (Murta, 2002). São itinerários de visita, com um planejamento prévio, importantes por contextualizar os atrativos e “potencializar seu poder de atratividade” (Silva e Novo, 2010, p.29-30).

Interpretar o patrimônio é um treinamento dos sentidos, é acrescentar emoções às informações sobre um lugar, é envolver a população local, é utilizar-se das características marcantes culturais e tornar o lugar um local único. A interpretação se compromete a ser prazerosa, significativa, diferenciada, provocante, tal como assinalado por Murta e Albano (2002).

Tendo em vista o fluxo de turismo que a cidade de Caxambu recebe, promover uma experiência interpretativa, sensorial e educativa das obras de Chico Cascateiro, no Parque das Águas, pode ser um importante contributo para o resgate da memória do artista e, além disso, enriquecer a experiência do visitante.

5.3 Elaboração do roteiro interpretativo das obras de Chico Cascateiro

Para promover a interpretação das obras do Chico Cascateiro no Parque, a alternativa proposta é a elaboração de um itinerário para a visita, um roteiro que possa estabelecer a observação, a percepção, a descrição, a comparação, a sensibilização e a conexão das esculturas naturalistas do autor e o ambiente que as envolvem.

As autoras Silva e Novo (2010) destacam a relevância de um planejamento prévio para a elaboração de roteiros interpretativos, recomendando que se inicie pelo levantamento dos atrativos disponíveis, da oferta turística existente, das vias de acesso, da sinalização, das condições de segurança do local e da definição do público-alvo (Silva; Novo, 2010, p. 36).

Com base nessas orientações para a elaboração de um roteiro interpretativo para as obras de Chico Cascateiro, o ponto de partida foi o levantamento de referências teóricas, já apresentadas nos itens 6 e 7 deste trabalho. Esses tópicos abordam a formação histórica da cidade de Caxambu, a constituição do Parque das Águas e a produção escultórica do referido artesão. A partir desse levantamento, foi possível reunir informações que possibilitasse a compreensão do contexto ambiental, histórico e cultural em que as obras estão inseridas, proporcionando, assim, uma base sólida para a construção de uma proposta de mediação interpretativa.

Prosseguiu-se o trabalho de campo com o objetivo de identificar a localização e a quantidade de obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas, verificar a existência

de sinalização direcional e informativa, bem como a presença de mapas que indicassem as vias internas do local. Foram identificadas sete obras principais atribuídas ao artesão, todas situadas na área antiga do Parque. Observou-se, contudo, a inexistência de qualquer tipo de sinalização que orientasse os visitantes até as obras ou que fornecesse informações sobre elas e sobre o artista. Da mesma forma, constatou-se a ausência de mapas disponíveis com o traçado das vias internas do Parque.

No que se refere à segurança, verificou-se que as condições gerais são satisfatórias, uma vez que as obras estão localizadas no interior de um espaço com controle de entrada e saída. Contudo, no Miradouro, uma das obras visitadas, identificou-se um risco físico, caso os visitantes ultrapassem os parapeitos em argamassa existentes na parte alta da obra. Após a realização dessas etapas iniciais de diagnóstico, passou-se à elaboração de uma proposta de roteiro interpretativo voltado à valorização e à mediação das obras de Chico Cascadeiro no Parque das Águas.

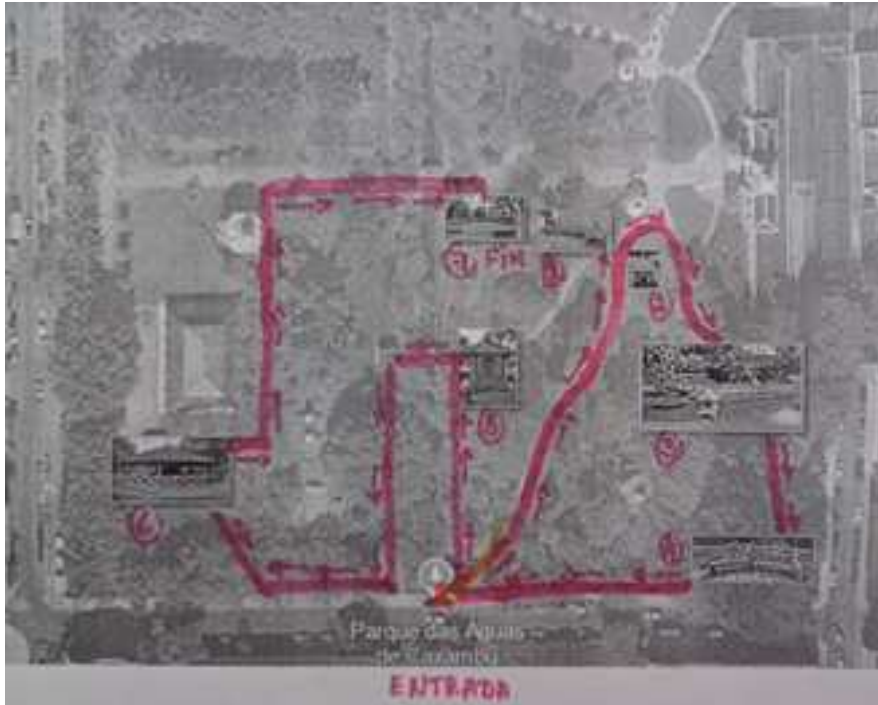
5.3.1 Mapeamento do Roteiro Interpretativo ao Patrimônio Artístico de Chico Cascadeiro

A construção do roteiro interpretativo para as obras de Chico Cascadeiro foi elaborada em várias etapas. O início com o planejamento de um itinerário que contemplasse as sete obras mais representativas do artesão/artista, localizadas na parte antiga do Parque das Águas, intencionalmente desvinculado do percurso tradicional das fontes de águas minerais, reconhecidas como os principais atrativos turísticos do local, a localização em uma área de fácil acesso, uma sequência lógica e fluida entre as mesmas, a ausência de sobreposição de caminhos e a presença de áreas propícias ao descanso ao longo do percurso.

Para a definição desse itinerário, seria imprescindível a utilização de um mapa com a demarcação das vias internas do Parque; no entanto, tal recurso não foi encontrado disponível. Como alternativa, recorreu-se à análise de imagens aéreas, na tentativa de identificar os caminhos que levam às obras. Todavia, a densa vegetação e a presença de árvores de grande porte dificultam significativamente a visualização das trilhas e acessos. Diante dessa limitação, optou-se pela elaboração manual de um traçado, com base em impressões fotográficas e através de caminhadas a pé pelo

espaço (Figura 4) e vários esboços foram realizados até a definição do mais apropriado à proposta do roteiro.

Figura 4 — Protótipo inicial itinerário para o roteiro interpretativo.



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

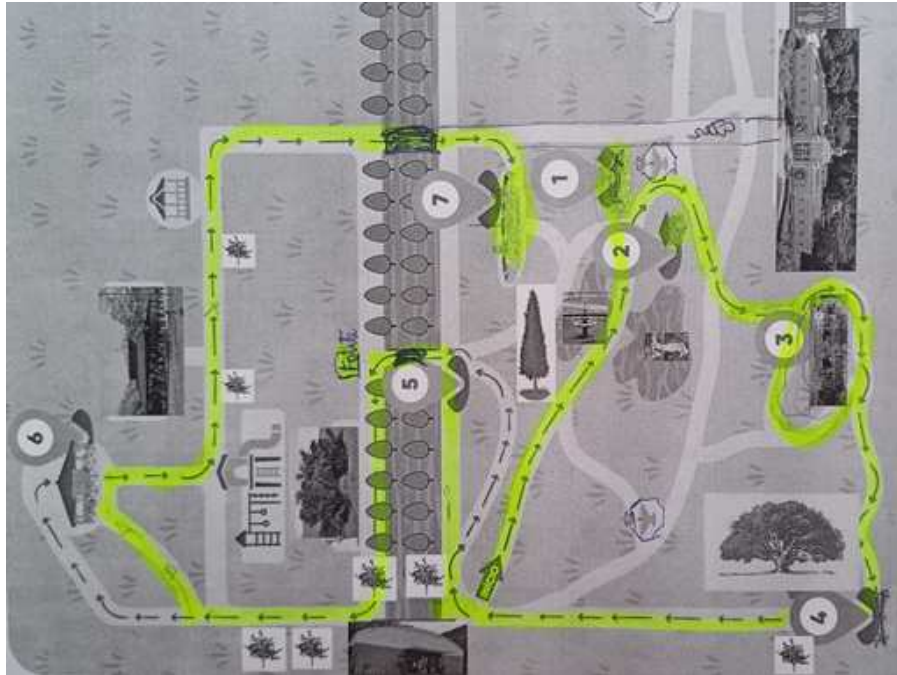
Nota: Esboços de criação do itinerário para o roteiro interpretativo às obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG.

Destaca-se, ainda, que o roteiro foi elaborado de forma a incluir uma área situada à direita da entrada principal do Parque, onde a natureza se manifesta de forma expressiva por meio de árvores centenárias, troncos carcomidos, cipós e espécies florais. Esse ambiente remete à possíveis fontes de inspiração presentes nas matas que influenciaram a produção de Chico Cascateiro, estabelecendo, assim, uma conexão simbólica e sensorial com a sua obra.

Após a definição de um itinerário que servisse ao roteiro interpretativo proposto na seção 5.3; p. 44, cuja sequência de narrativa apresenta uma forte conexão visual às obras, os pontos foram então definidos.

O último esboço feito pela pesquisadora foi encaminhado ao design, cuja criação foi acompanhada pela autora, para que fossem feitos ajustes relativos principalmente à adequação da flora estilizada no mapa (Figura 5).

Figura 5 — Etapa de criação do mapa para o roteiro interpretativo.



Fonte: Souza e Figueira (2025).

Nota: Uma das etapas de criação do mapa para o roteiro interpretativo às obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG.

No mapa, o critério para a escolha início ponto 1, o banco rústico, refere-se a sua localização possibilitar a visualização do morro de Caxambu ao fundo e o ajardinamento ao redor, razão detalhada no Roteiro Interpretativo à página 49. Para finalizar o trajeto, optou-se pelo Círculo de Bancos, o ponto 7, espaço amplo e acolhedor, cuja configuração favorece tanto momentos de reflexão quanto a realização de atividades de caráter lúdico e educativo.

Por fim, obteve-se um mapa (Mapa 1) para o Roteiro Interpretativo Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG:

Mapa 1 — Mapa do Roteiro Interpretativo das obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG.



Fonte: Souza (2025)¹⁷.

O Roteiro interpretativo aqui proposto (Mapa 1) tem por objetivo orientar a visita às sete obras no Parque das Águas de Caxambu. A partir da portaria de entrada do Parque das Águas, inicia-se o trajeto à direita, até o ponto (1) Banco Rústico; seguindo para (2) Casinha para Aves; (3) Miradouro; (4) Banco de Cipós; (5) Casa da Bomba D'Água; (6) Quiosque e (7) Círculo de Bancos.

¹⁷ SOUZA, Wallas Vasconcelos. Mapa do Roteiro Interpretativo das obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG. [mapa inédito]. 2025. In: FIGUEIRA, Maria Salete Ferreira; SOUZA, Wallas Vasconcelos de. Um convite ao olhar: Arte viva no Parque – Chico Cascateiro. Juiz de Fora, 2025. 12 p.

O trajeto deve ser realizado à pé, não exige esforço físico e não apresenta obstáculos, à exceção das escadas de acesso à parte alta do Miradouro, o que sugere uma adaptação futura ao roteiro quanto a alternativas de multi acessibilidade.

A seguir, apresenta-se textos cuja função é servir de proposta interpretativa ao roteiro, no intuito de serem apropriados em diferentes enunciativos a depender do meio e do público visado. As informações contidas, poderão se consolidar em materiais a serem transformados em diferentes estruturas discursivas. Elaborada com o propósito de servir de exemplo quanto à utilização de um suporte ao conhecimento das obras, apresenta-se no APÊNDICE, um protótipo da cartilha “Um convite ao olhar: arte viva no Parque - Chico Cascateiro”.

Faz-se necessário destacar que o roteiro proposto configura-se como uma das possíveis interpretações, com intenção de otimizar a experiência da visita por meio da estimulação dos sentidos, especialmente da visão, bem como da provocação da curiosidade.

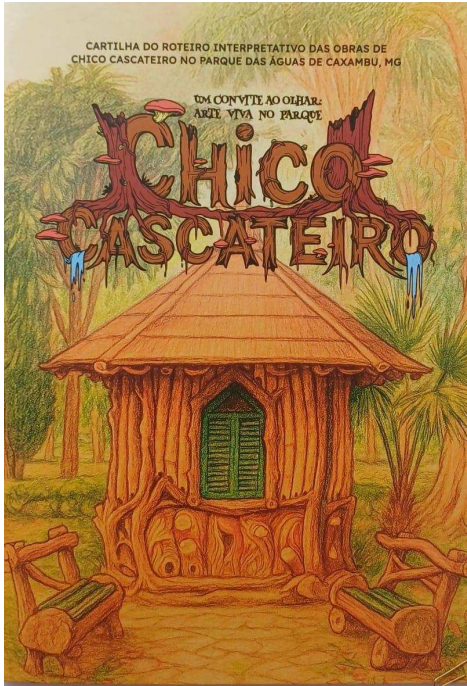
5.3.2 Referências às obras de Chico Cascaterio do Roteiro Interpretativo no Parque das Águas de Caxambu

Nesse tópico, apresenta-se um modelo para a interpretação de sete obras de Chico Cascateiro no Parque de Caxambu, locais destacados no mapa apresentado à página 48. Trata-se de textos permeados pela ludicidade “uma forma de captar a atenção das pessoas, bem como desenvolver a criatividade e os conhecimentos [...]” (Chimenti e Tavares, 2020, p. 141). A proposta apresentada busca seguir as premissas do programa educativo do IPHAN, em contemplar uma ação educativa sensível, oportunizar uma vivência dinâmica, despertar a percepção do que é o patrimônio do Chico Cascaterio (De Bernardi, 2024, p.05).

As obras de Chico Cascaterio apresenta características próprias no que diz respeito à imitações de troncos, galhos e cipós o que parece tornar repetitiva a apresentação das obras, no aspecto descritivo. O recurso das descrições foi utilizado para guiar os sentidos e a dinâmica de observação, percepção e comparação. Visando atrair a atenção às obras, adotou-se uma comunicação fácil, leve, compreensível e agradável, seguindo as premissas de Miranda (2002, p. 99).

O roteiro poderá ser seguido com a utilização da cartilha (Figura 6), permeada pela ludicidade, que suscita novos sentidos, emoções e experiências (Gomes, 2014).

Figura 6 — Cartilha “Um convite ao olhar: Arte viva no Parque - Chico Cascateiro”.



Fonte: Elaboração própria (2025).

A cartilha do roteiro interpretativo das obras de Chico Cascaterio no Parque das Águas de Caxambu, MG - Um convite ao olhar: Arte viva no Parque, passou por um processo de criação, onde foram elaborados os textos em linguagem simples e planejadas as atividades. Em seguida, foram encaminhadas as imagens das obras ao design gráfico que as criou em formato de desenhos. Feitas as devidas correções, foi passada à gráfica e aprovada a prova de impressão. A cartilha encontra-se integralmente no APÊNDICE A (p. 83).

A cartilha apresenta capa, contracapa e 12 páginas contendo os seguintes itens: Parque das Águas de Caxambu; Quem foi Chico Cascaterio; Proposta de Interpretação; Roterio Interpretativo (Mapa) e apresenta atividades lúdicas para os sete pontos do mapa ou os sete momentos do roteiro interpretativo (banco rústico, casinha para aves miradouro, banco de cipós, casa da bomba d'água, quiosque, banco em círculos). As atividades visam promover observações, busca de detalhes nas obras, comparações, atividade de colorir, desenhar e caça palavras. Foi criada como uma proposta mais

infantil para complementar o roteiro interpretativo proposto. A cartilha também prevê uma interlocução com a autora, através das redes sociais.

O Roteiro Interpretativo proposto tem início após a entrada pela portaria do Parque das Águas de Caxambu¹⁸ (Figura 7).

Figura 7 — Entrada do Parque das Águas de Caxambu, MG.



Fonte: GOOGLE. Google Maps. 2025.¹⁹

A partir da portaria do Parque das Águas, tem-se início o Roteiro em um caminho à direita (Figura 8), conforme o mapa à página 48.

Figura 8 — O caminho à direita leva ao ponto 1 do Roteiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

¹⁸ Endereço do Parque das Águas de Caxambu: Rua João Carlos, nº 100.

¹⁹ Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Parque+das+%C3%81guas+de+Caxambu>. Acesso em: 17 jul. 2025.

A seguir emprega-se uma possível narrativa interpretativa em terceira pessoa, utilizada como um recurso de mediação receptiva. Para cada ponto do roteiro foram elaboradas descrições fundamentadas nos estudos realizados, um “convite ao olhar” e de suscitar responder a indagações decorrentes da curiosidade dos visitantes.

5.3.2.1 1º Momento: Banco rústico

Como se trata do primeiro ponto do roteiro, com vista para o Morro de Caxambu, podemos estabelecer a conexão do ambiente local com a história de formação da cidade e do Parque. À exemplo:

Muito antes da criação deste local, o Morro de Caxambu, visto ao fundo, foi cenário para a origem do nome da cidade, ou pelo seu formato de tambor, **cacha** e **mumbu**, música, ou por ouvirem ao longe, ao passar pelo Caminho Velho, o som dos escravizados tocarem o **cachambu**.

A área da encosta do morro que vemos era formada pela Mata Atlântica. Esta área, próxima às fontes, foi um grande lamaçal. Podemos imaginar o porquê do brejo: as cheias do rio Bengo (que podemos vê-lo cortando o Parque) e as águas de tantas fontes que brotavam do solo. Foram muitos anos de melhoramentos nessa área para que as 12 fontes fossem captadas, ganhassem um pavilhão e feito o ajardinamento em estilo inglês, característico por essas vias curvas.

A existência das obras de Francisco da Silva Reis em Caxambu está relacionada com a criação do Parque das Águas, para que visitantes e turistas pudessem desfrutar de um local belo e romântico enquanto faziam uso das diferentes águas minerais para beber ou banhar-se. Estamos falando de uma época em torno de 1910.

Chico Cascateiro empregava a arte naturalista em suas esculturas. O naturalismo foi um movimento artístico e cultural do final do século XIX, inspirado pelos princípios das ciências naturais, da observação fiel da realidade, criação de ambientes que promovessem bem-estar com elementos naturais. Nos dias de hoje, ouvimos muito sobre a importância do meio ambiente para a saúde de todos e do planeta e vejam isso, na época do Chico Cascaterio as pessoas davam importância ao ambiente natural e até mesmo os imitava!

Vejamos essa arte de Chico Cascateiro: esse banco rústico (Figura 9) em que fez na parte frontal, um banco com encosto de galhos e uma espécie de poltrona, imitando o corte de um tronco. Por ser um mobiliário do parque, podemos nos sentar e apreciar seu conforto.

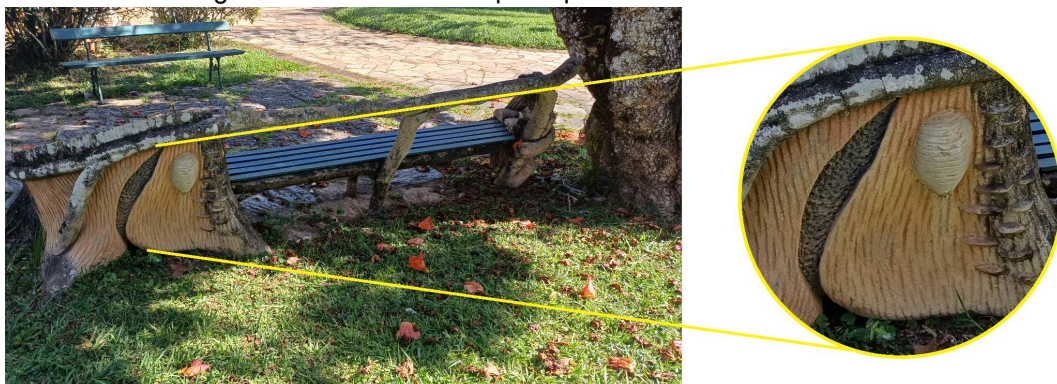
Figura 9 — Banco rústico, obra do Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Chico Cascateiro utilizava outros detalhes decorativos em suas obras, imitando seres da natureza, como o que pode ser visualizado na parte posterior do banco (Figura 10). Usando o olhar e a imaginação podemos buscar elementos da natureza que se pareçam com a decoração de Chico nesse banco. Se parecem com um carcomido num tronco, um ninho de marimbondos e orelhas de pau (fungo).

Figura 10 — Detalhes da parte posterior do banco rústico.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Nota: Montagem com efeito de zoom destacando elementos visuais recorrentes nas obras do artista.

Quem foi o Francisco da Silva Reis? Na Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, pesquisadores encontraram o registro de sua entrada no Brasil e a informação

de que ele saiu do porto de Leixões, Portugal e chegou ao Porto de Santos pelo vapor Rossetti, em 1907, com 41 anos, casado, mas chegou ao Brasil sozinho. Ele teria se instalado pelo menos por duas décadas no sul de Minas Gerais.

Chico Cascateiro seria de estatura mediana, claro, magro trajando muitas vezes calça de algodão, paletó e chapéu de feltro de abas caídas.

5.3.2.2 2º Momento: Casinha para aves

Assim como essa casinha para aves (Figura 11) há outras pelo parque, representa uma miniatura do que Chico poderia construir imitando os vegetais.

Feita de argamassa, ou seja, uma mistura de areia, cimento, óleo de baleia, pedaços de tijolos e cacos de cerâmica e crina de cavalo. A casinha tem o telhado imitando pedaços de madeira, amarrações de cipós, as paredes de bambus, que recebiam pigmentação natural que Chico conseguia por diferentes cores de terra que misturava à argamassa. As ferramentas que usava eram colher de pedreiro e também produzia suas próprias ferramentas ou as adaptava.

Figura 11 — Casinha para aves, obra de Chico Cascaterio.



Fonte: Elaboração própria (2025).

5.3.2.3 3º Momento: *Miradouro*

No *Miradouro* (Figura 12), Chico Cascateiro se esmerou em construir vários elementos para a composição desse monumento da água. Vamos parar na ponte na parte baixa desta obra para podermos ouvir o som da cascata, logo à esquerda.

Observando melhor, ver o lago, a ilha, as rochas, as grutas, os troncos, as raízes, entre outros elementos.

Figura 12 — Vista geral do *Miradouro*, obra de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Chico Cascateiro era especialista na construção de cascatas como essa (figura 13). Outra cascata por ele construída em Caxambu, encontra-se na base do coreto, na Praça 16 de setembro.

Figura 13 — Cascata do Miradouro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

A forma como fazia suas obras tem seu ponto de destaque, nas imitações dos troncos, galhos, cipós e raízes (Figura 14).

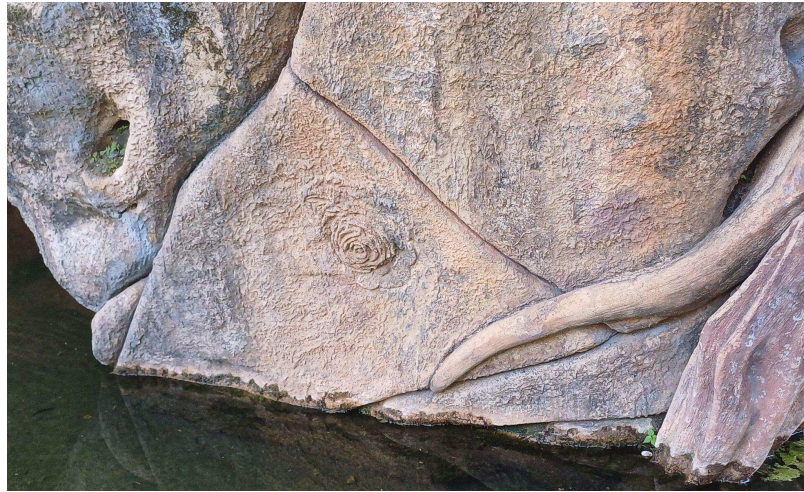
Figura 14 — As raízes esculpidas no Miradouro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

O treinamento do olhar nos permite encontrar detalhes sutis de ornamentação criadas pelo autor, como uma flor na base da rocha por ele criada (Figura 15).

Figura 15 — Detalhe de uma flor esculpida no Miradouro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Chico Cascateiro costumava criar também suportes para fixar as plantas, de forma que a sua obra ficasse integrada ao ambiente natural onde está inserida. Por isso, é comum encontrarmos cavidades e troncos cortados usados como jardineiras, como as que vemos no Miradouro. Na figura 16, por exemplo, há uma jardineira bem no centro da imagem e várias outras espalhadas ao redor.

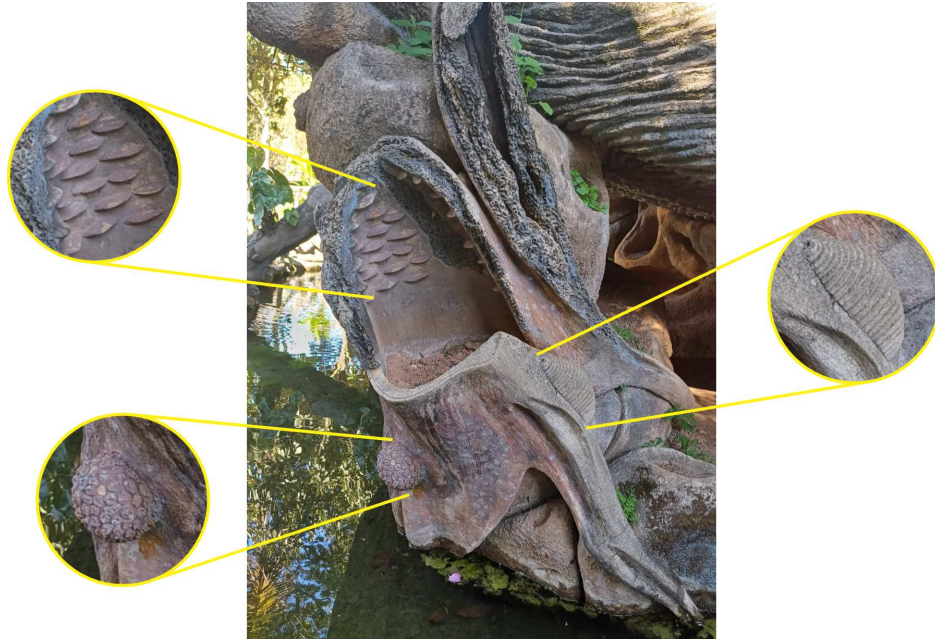
Figura 16 — Jardineiras do Miradouro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Podemos perceber que ele criou seres que nossa imaginação pode comparar às formas que conhecemos. Na lateral direita da obra, podemos ver alguns elementos. Seriam fungos, ninhos de insetos, um fruto de araticum ou um coral (Figura 17)?

Figura 17 — Seres esculpidos no Miradouro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Nota: Montagem com efeito de zoom destacando elementos visuais recorrentes nas obras do artista.

Circundando a obra, temos acesso por duas escadas à parte alta do miradouro (Figura 18), protegidos pelos parapeitos que construiu. Do local, novas percepções são possíveis.

Figura 18 — Acesso ao Miradouro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Da parte alta do mirante, podemos ver o lago, a ilha, a ponte, a casinha para aves, além jardim do parque (Figura 19). Ao nos protegermos pelo parapeito da obra, podemos, nesse caso, utilizarmos do tato, para sentir o trabalho esculpido na argamassa.

Figura 19 — O Parque das Águas visto do Miradouro, obra de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

O miradouro é um bom local para descansar sentados nesses “sofás” (Figura 20) e bancos criados por Chico Cascaterio (Figura 20) e refletir sobre esse espaço e o tempo.

Como seria esse local 100 anos atrás, as plantas e os animais existentes? Como seriam as condições de trabalho nesse local, as vestimentas dos trabalhadores e suas ferramentas? Como seriam as pessoas que visitaram este local nos anos de 1920?

Figura 20 — Recanto do Miradouro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Figura 21 — Bancos do Miradouro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Essa obra de Chico Cascateiro foi esculpida no século passado, mais precisamente em 1918, portanto há 107 anos. Aqui ele deixou sua marca que podemos ver aqui no cantinho, na base do banco sua assinatura (Figura 22).

Figura 22 — Assinatura de Francisco da Silva Reis – 1918.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Nesse momento, o que podemos perceber que estaria acontecendo com a assinatura do artesão/artista? Observamos que está se perdendo. Além do descolamento da argamassa observada nessa rara assinatura, ao descer as escadas do miradouro, pode-se ver algumas depredações como pichações (Figura 23).

É importante lembrar que se trata de bens tombados, ou seja, protegidos por lei. Não poderá ser usado qualquer produto para limpar ou fazer algum tipo de reparo. Essas obras precisam de um projeto específico de restauração e qualquer trabalho, feito por um especialista nesse tipo de argamassa.

Figura 23 — Nomes escritos na argamassa do Miradouro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

5.3.2.4 4º Momento: Banco de cipós

Seguindo o roteiro para o banco de cipós (Figura 24) visto anteriormente na página 29, nesse recanto do parque nos deparamos com uma enorme árvore. Podemos imaginar o Chico Cascaterio sentado nesse banco de cipós neste no cantinho para apreciar o que há na natureza do entorno para criar suas obras?

Figura 24 — O tronco da Figueira com o banco de cipós ao fundo.



Fonte: Elaboração própria (2025).

A história oral dos funcionários do parque, conta que essa Figueira (Figura 25) possui em torno de 200 anos. O que sentimentos ao vê-la?

Alguns visitantes passam pelo local para tirar fotos junto à ela e podemos fazer o mesmo.

Figura 25 — A centenária Figueira.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Correndo os olhos nessa área do jardim, encontram-se também outros exemplares muito antigos, como o pau mulato, o pau ferro, os plátanos que estão por todo o parque formando as alamedas principais, além de camélias, cipós e outros.

5.3.2.5 5º Momento: Casa da bomba d'água.

Na casa da bomba d'água (Figura 26), possui esse nome por ter abrigado uma máquina de drenagem das águas.

Chico Cascateiro a construiu com uma porta e três janelas que sempre estão fechadas, quem sabe para aguçar a curiosidade de todos que passam por ela.

Figura 26 — Casa da Bomba D'água, obra de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Mas descrevê-la não é uma tarefa fácil, pela quantidade de detalhes a partir dos bambus gigantes amarelos (Figura 27) que formam suas paredes e a sustentar a casa, troncos galhos e cipós cuidadosamente esculpidos em retorcidos, fissurados e carcomidos (Figura 28). Cobre a casa um telhado que remete à madeira e às palhas.

Precisamos olhar e apreciar!

Figura 27 — Detalhe da imitação de bambus gigantes da Casa da Bomba D'Água - obra de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Figura 28 — Detalhes da arte de Chico Cascateiro na Casa da Bomba D'Água.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Essa Casa possui dois bancos postos de frente (Figura 29), possibilidade para imaginarmos pessoas sentadas nos bancos abordadas por um morador imaginário que abra a janela para conversar com quem passa.

Figura 29 — Casa da Bomba D'água, vista de frente, obra de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Os visitantes passaram a chamar essa casa de casa das bruxas, provavelmente pela forma de seu telhado e porque, de fato, ela lembra as ilustrações de livros infantis ou mesmo cenários de filmes ficcionais onde uma feiticeira aparece.

Todos são convidados à pensar como seria o seu morador imaginário para essa casa?

5.3.2.6 6º Momento: Quiosque.

O quiosque (Figura 30) criado por Chico Cascateiro foi construído em forma de um hexágono, cujos lados medem 4,20m cada um. O quiosque é cercado por um parapeito por troncos e bambus em xis, apresentando duas entradas.

Figura 30 — Quiosque, obra do Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2023).

Sustentado por “troncos” de diferentes decorações, rugosidades, frisos e espinhos, permite-nos inferir que Chico se inspirou em diferentes espécies de árvores para esculpir sua argamassa (Figura 31 e 32). Seriam candeias, ipês, sucupiras, cedros, eucaliptos, palmeiras, que até hoje vivem nesse Parque?

Figura 31 — Imitação de troncos de árvores do Quiosque, obra de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Figura 32 — Imitação de troncos de árvores no Quiosque, obra de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

No forro e no telhado do Quiosque, Chico Cascateiro usou imitações de palhas e troncos.

No centro do quiosque, há um pequeno cômodo que parece ter sido adaptado para receber porta e janelas (Figura 33).

Figura 33 — Parte central do Quiosque.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Chico Cascateiro fez do Quiosque a “moradia” de alguns “seres da natureza”! Chico deve ter visto em suas observações pelo parque, tatus, lagartos, camaleões, serpentes, muitas aves e insetos. Com o olhar treinado e muita imaginação, convidamos à procurar esses seres e compará-los com o que se parecem.

Vê-se, logo abaixo do telhado e acima da janela um “lagarto” (Figura 34) e perpassando o tronco da viga que sustenta o telhado, aparece uma “centopeia” e uma “mariposa” (Figura 35). Também podemos encontrar o que poderia ser um anfíbio, corais, ninhos de insetos e outros.

Figura 34 — Seres esculpidos por Chico Cascateiro no Quiosque.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Figura 35 — Seres esculpidos por Chico Cascateiro no Quiosque.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Mais uma vez podemos perceber a importância da fauna e da flora para o Chico Cascateiro, pois ele decorava com muita criatividade suas obras, como que soubesse que iríamos nos divertir buscando por esses detalhes.

Entretanto, nem tudo parece estar recebendo a atenção necessária, pois aqui também podemos verificar alguns desprendimentos e fissuras da argamassa da obra (Figura 36).

Figura 36 — Fotomontagem de desprendimentos e fissuras na argamassa do Quiosque.



Fonte: Compilação do autor.²⁰

5.3.2.7 7º Momento: *Círculo de bancos.*

Estamos chegando ao final do nosso Roteiro Interpretativo pelas obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas. Nesse *Círculo de Bancos Rústicos* (Figura 37) feito por ele, podemos descansar em um desses bancos (Figura 38) e respirar esse ar salutar do Parque.

²⁰ Montagem a partir de imagens coletadas pela autora (2025).

Figura 37 — Círculo de Bancos, obra de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Figura 38 — Bancos do Círculo de bancos, obra de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

Agora que conhecemos a vida e a obra do Chico Cascateiro, descobrimos o quanto ele era criativo e um verdadeiro artista. Alguns detalhes guardamos na memória e podemos usar a imaginação para descobrir, desenhar, colorir e se divertir pelas páginas (Figura 39) da cartilha “Um convite ao olhar: Arte viva no parque - Chico Cascateiro”.

Aproveitem!

Figura 39 — Montagem de algumas páginas da cartilha “Um convite ao olhar: Arte viva no parque - Chico Cascateiro”.



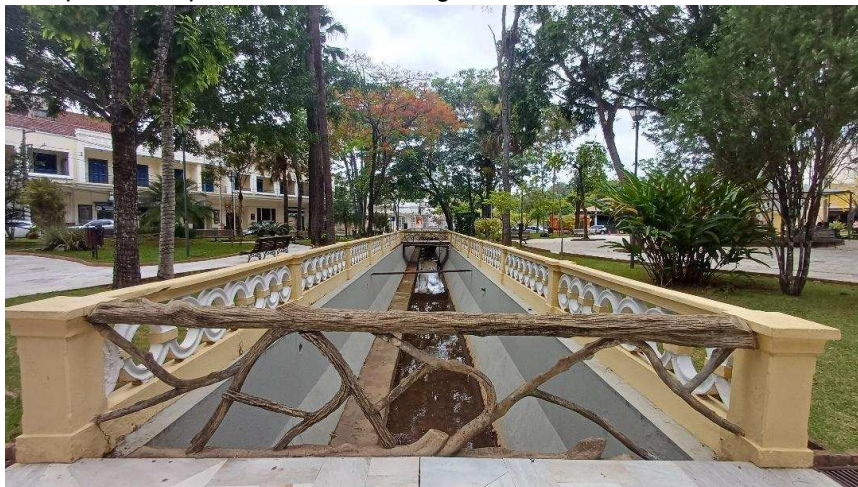
Fonte: Elaboração própria (2025).

Se quiserem conhecer mais obras do Chico Cascateiro, ao sair do Parque das Águas, seguindo em frente, encontram-se na Praça 16 de Setembro. Nela se podemos ver:

5.3.2.8 Parapeitos do pontilhão do Rio Bengo - Praça 16 de Setembro, Caxambu, MG.

São vários parapeitos que servem ao pontilhão do rio Bengo que corta a praça (Figura 40).

Figura 40 — Parapeitos do pontilhão do Rio Bengo de Caxambu, MG, obras de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

5.3.2.9 Repuxo da Praça 16 de Setembro de Caxambu, MG.

Chico Cascateiro construiu um repuxo (jorro de água que se eleva alto e cai em forma de chuva), que constituía um dos símbolos das praças, jardins e parques públicos edificados nas principais cidades brasileiras no início do século XX, com o objetivo de criar cenários pitorescos. Esse repuxo (Figura 41) foi elaborado imitando um bloco de rochas.

Figura 41 — Repuxo da Praça 16 de Setembro de Caxambu, MG, obra de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

5.3.2.10 Cascata do Coreto da Praça 16 de Setembro, de Caxambu, MG.

O Coreto da Praça (Figura 42) possui em sua base, uma cascata, lago, rochas e jardineiras, obra de Chico Cascateiro.

Figura 42 — Coreto da Praça 16 de Setembro em Caxambu, MG, em sua base, obra de Chico Cascateiro.



Fonte: Elaboração própria (2025).

E assim chegamos ao fim do nosso passeio pela arte de Chico Cascateiro. Suas obras também podem ser encontradas em outras cidades mineiras, como Carmo de Minas, Passa Quatro, Cristina, Maria da Fé, Baependi e Juiz de Fora.

A nossa intenção aqui foi provocar o olhar, despertar a curiosidade e o carinho por um Patrimônio que é de todos nós e que merece ser (re)conhecido, valorizado e cuidado de maneira especial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a discutir a presença e a relevância das obras de Francisco da Silva Reis, conhecido como Chico Cascadeiro, no contexto do Parque das Águas localizado em Caxambu, Minas Gerais. Ademais, propôs-se ainda, a elaboração de um roteiro interpretativo voltado para as criações artísticas do referido escultor, com o intuito de promover a valorização cultural e a mediação patrimonial junto ao público visitante.

O Parque das Águas abriga um significativo acervo de obras do artista Chico Cascadeiro, destacando-se os bancos rústicos estrategicamente distribuídos pelos jardins, as casinhas destinadas às aves, o miradouro, a casa da bomba d'água, o quiosque e o círculo de bancos. Esse conjunto configura-se como o mais representativo da produção artística do artesão/artista. Contudo, apesar do seu reconhecimento do seu valor como Patrimônio Cultural, as iniciativas turísticas voltadas à valorização das obras ainda se revelam incipientes.

Para estabelecer o roteiro interpretativo, elaborou-se um mapa da área antiga do Parque das Águas com as principais vias de acesso até onde estão localizadas as obras do artista. O itinerário seguiu os critérios que contemplasse as sete obras mais representativas do artesão/artista, intencionalmente desvinculado do percurso tradicional das fontes de águas minerais, reconhecidas como os principais atrativos turísticos do local, a localização em uma área de fácil acesso, uma sequência lógica e fluida entre as mesmas, a ausência de sobreposição de caminhos e a presença de áreas propícias ao descanso ao longo do percurso.

A definição do roteiro interpretativo baseou-se em uma metodologia que observou a estrutura do Parque, do comportamento dos visitantes nos locais onde se encontram as obras e as características estéticas das mesmas. A partir das informações coletadas, necessárias ao suporte para o roteiro, as obras foram descritas com base em experiências sensoriais e a estimular a curiosidade através da observação, percepção e comparação. De linguagem fácil, o roteiro interpretativo apresenta pontos fundamentais para aguçar a curiosidade do público infante juvenil, mas porque não, também de pessoas de quaisquer faixas de idade, amantes do turismo cultural.

Como resultado desse processo, produziu-se uma cartilha com o objetivo de convidar os visitantes/turistas à uma experiência imersiva e lúdica ao longo do percurso, destacando os detalhes evidenciados e promovendo a valorização das obras.

Este trabalho ressalta a importância da continuidade das pesquisas nas áreas de marketing turístico, o estudo da paisagem, educação patrimonial e educação ambiental. A proposta apresentada também vislumbra a integração das obras de Chico Cascateiro com outros roteiros turísticos do Parque e do município de Caxambu.

A limitação do trabalho estabeleceu-se pela ausência de um teste do roteiro, apesar de ter sido programada uma visita com alunos do Curso de Turismo, mas que não se concretizou até o término deste trabalho.

Faz-se necessário prever a adaptação de um roteiro interpretativo inclusivo, utilizando-se dos diferentes recursos para a multi acessibilidade.

Considerando que as obras de Chico Cascateiro permanecem expostas ao ar livre há 107 anos, é fundamental reconhecer os impactos intempéries sobre sua conservação, bem como o uso inadequado por parte de algumas pessoas. Embora estas obras estejam oficialmente patrimonializadas, torna-se imprescindível que a comunidade local e os visitantes estejam conscientes da importância de sua preservação, sendo igualmente necessário que os órgãos gestores invistam em técnicas especializadas de conservação das obras.

Por meio deste trabalho e do roteiro interpretativo proposto, estabelece-se uma referência ao acervo de Chico Cascateiro e fornecem-se subsídios para uma nova e, por que não, lúdica experiência turística no Parque das Águas de Caxambu, MG.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ruy. Impressões de Ruy Barbosa sobre a Estância Hidro-Mineral de Caxambu. Caxambu (MG): Parque das Águas, 31 out. 1919. Placa informativa consultada *in loco* em: 3 set. 2024.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo 2024-2027**: o turismo como protagonista do desenvolvimento sustentável e inclusivo. [Brasília, DF]: Ministério do Turismo, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/PNT/plano-nacional-de-turismo-2024-2027.pdf>. Acesso em: 3 set. 2024.

BRASIL. Decreto-Lei nº 7.841, de 8 de agosto de 1945. Código de Águas Minerais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 83, n. 187, p. 1-8, 11 ago. 1945. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del7841.htm. Acesso em: 17 fev. 2025.

CHIMENTI, Silvia; TAVARES, Adriana de Menezes. **Roteiro turístico**: é assim que se faz. São Paulo: Senac São Paulo, 2020.

DE BERNARDI, Andréia. **Educação Patrimonial** - Juiz de Fora: Caderno do Professor do Programa Educativo IPHAN + 80. Andréia De Bernardi, Carolina Dellamore, Eduardo Martins. Belo Horizonte: Akala, 2024.

FIGUEIRA, Maria Salete Ferreira; SOUZA, Wallas Vasconcelos de. **Um convite ao olhar**: Arte viva no Parque – Chico Cascadeiro. Juiz de Fora, 2025. 12 p.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005. (Coleção ABC do turismo).

GIUMBELLI, Emerson. Para além do “trabalho de campo”: reflexões supostamente malinowskianas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 48, p. 95-107, fev. 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/107/10704807.pdf>. Acesso em: 3 set. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Caxambu**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/caxambu.html>. Acesso em: 16 abr. 2025.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS (IEPHA-MG). **Conjunto Paisagístico e Arquitetônico do Parque das Águas de Caxambu**. Belo Horizonte: IEPHA-MG, [2025]. Disponível em: <https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoes/patrimonio-cultural-protegido/bens-tombados/details/1/76/bens-tombados-conjunto-paisag%C3%ADstico-e-arquitet%C3%B4nico-do-parque-das-%C3%A1guas-de-caxambu>. Acesso em: 15 mar. 2025.

KOHLER, André Fontan. Interpretação do patrimônio para o turismo cultural: diretrizes básicas, meios e técnicas. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 1-25, 2020. DOI: 10.5380/ts.v13i1.69105. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/69105>. Acesso em: 3 set. 2024.

LEMOS, Maria de Lourdes. **Caxambu: de Água Santa a Patrimônio Estadual**. Rio de Janeiro: Maria de Lourdes Lemos, 2007.

LEMOS, Maria de Lourdes. **Fonte Floriano de Lemos**. Rio de Janeiro: Daugraf, 2001.

LEMOS, Maria de Lourdes. **Fontes e encantos de Caxambu**. Rio de Janeiro: Zit, 1998.

MAGALHÃES, Cristiane Maria. Chico Cascadeiro: um escultor da natureza. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-MG, 16., 2008, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ANPUH-MG, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/35782953/Chico_Cascadeiro_um_escultor_da_natureza_Ana_is_ANPUH_MG_2008. Acesso em: 3 set. 2024.

MAGALHÃES, Cristiane Maria. A paisagem na cidade: os jardins históricos no território das Gerais. *In*: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO DE PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/35782918/A_PAISAGEM_NA_CIDADE_OS_JARDINS_HIST%C3%93RICOS_NO_TERRIT%C3%93RIO_DAS_GERAIS. Acesso em: 20 set. 2024.

MAGALHÃES, Cristiane Maria. De jardim em jardim: itinerário histórico pelas paisagens culturais brasileiras. **Cultura Histórica & Patrimônio**, Alfenas, v. 1, n. 1, p. 108-130, 2012. Disponível em: https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/cultura_historica_patrimonio/article/view/08_v1n1_ChP. Acesso em: 3 set. 2024.

MAGALHÃES, Cristiane Maria. **O desenho da história no traço da paisagem: patrimônio paisagístico e jardins históricos no Brasil - memória, inventário e salvaguarda**. 2015. 235 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/951122>. Acesso em: 18 mar. 2025.

MAGALHÃES, Cristiane Maria. Obras rústicas e ornamentos: os artífices e a técnica da rocaile para jardins e parques urbanos no Brasil entre o final do século XIX e o início do XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 19-57, set./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0301>. Acesso em: 10 set. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso em: 16 abr. 2025.

MARTINS, Anne Bastos; ALCÂNTARA, Anelisa Alvarenga de. Turismo de saúde em Caxambu: uma análise a respeito do poder medicinal das águas. **Estação Científica**, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 1-13, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.iftm.edu.br/index.php/estacaocientifica/article/view/1085>. Acesso em: 16 set. 2024.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Educação e museus: sedução, riscos e ilusões**. Ciências & Letras. Educação e Patrimônio. Histórico-Cultural. N.27. Edição Jan/Jun. 2000. p.91-101,

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. Conferência Magna apresentada no **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural**, Brasília, IPHAN,2010. pp. 25–39.

MIRANDA, Jorge Morales. O processo de comunicação na interpretação. *In*: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (org.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG: Território Brasilis, 2002. p. 95-105.

MONAT, Henrique Alexandre. **Caxambu**. Rio de Janeiro: Luiz Macedo, 1894. E-book. Disponível em: <https://www.caxambu.tv.br/livros/henrique-alexandre-monat-caxambu/>. Acesso em: 18 mar. 2025.

MORAIS, Frederico. **Panorama das artes plásticas**: séculos XIX e XX. Apresentação de Ernest Mange. 2. ed. rev. São Paulo: Itaú Cultural, 1991.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. Interpretação, preservação e turismo. *In*: _____. (org.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG: Território Brasilis, 2002. p. 3-12.

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. *In*: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (org.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG: Território Brasilis, 2002. p. 13-46

MURTA, Stela Maris. Turismo histórico-cultural: parques temáticos, roteiros e atrações âncora. *In*: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (org.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG: Território Brasilis, 2002. p. 139-168.

CONSELHO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE PASSA QUATRO – MG. Restauração das obras do Chico Cascateiro. **Patrimônio Histórico de Passa Quatro – MG**. Publicado em 4 jun. 2011. Disponível em:

<https://patrimoniohistoricodepassauatro.wordpress.com/tag/chico-cascadeiro/>. Acesso em: 15 fev. 2025. Texto retirado de “Jardins esquecidos”- (A arte em argamassa nas obras de Francisco da Silva Reis) de Eustáquio Gorgonne/2004 (OLIVEIRA, Eustáquio Gorgone. Jardins esquecidos. Caxambu: [s.n.], [s.d].)

PENHA, Caio Luiz Carvalho. **(Re)descobrimo a história do Parque das Águas de Caxambu (parte mais antiga)**. Caxambu: Prefeitura Municipal de Caxambu, 2024.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 7ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

SEBASTIÃO, Rodrigo de Siqueira. **As implicações da lei de uso e ocupação do solo da cidade de Caxambu-MG**. 2023. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2023.

Disponível em:

https://www.unifal-mg.edu.br/geografia/wp-content/uploads/sites/141/2024/06/Rodrigo_TCC_final.pdf. Acesso em: 14 set. 2024.

SILVA, Glaubécia Teixeira da; NOVO, Cristiane Barroncas Maciel Costa. **Roteiro turístico**. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010. Disponível em: https://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_hosp_lazer/061112_rot_tur.pdf Acesso em: 16 set. 2025.

SILVA, Francislei Lima da. **Os monumentos da água no Brasil: pavilhões, fontes e chafarizes nas estâncias sul-mineiras (1880-1925)**. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2434>. Acesso em: 20 set. 2024.

SILVA, Francislei Lima da. A proteção das obras de Chico Cascadeiro nos jardins, parques e praças do sul de Minas Gerais. *In*: PESSOA, Ana; FASOLATO, Doralice R. C.; ANDRADE, Rute (org.). **Jardins históricos: a cultura, as práticas e os instrumentos da salvaguarda de espaços paisagísticos**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015. p. 157-164. Disponível em:

http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/Seminarios/Jardins_Historicos_Cultura_Praticas_Instrumentos_Salvaguarda_Espacos_Paisagisticos.pdf. Acesso em: 19 mar. 2025.

SOUZA, Lílian Safadi de. **Parque das Águas de Caxambu/MG: Propriedades Físico-Químicas, Aspectos Hidrominerais e turísticos**. Universidade Federal de Alfenas. Dissertação. Alfenas, MG. 2014. Disponível em:

<https://www.caxambu.mg.gov.br/public/admin/globalarq/uploads/files/PARQUE-DAS-%C3%81GUAS-DE-CAXAMBU-%E2%80%93-MG.pdf> . Acesso em: 14 set. 2024.

TAVARES, Adriana de Menezes. **City tour**. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC).

TILDEN, Freeman. **Interpreting our Heritage**. [S.l.]: University of North Carolina Press, 1967.

UNTURA FILHO, Marcos. **La estación hidromineral de Caxambu, Minas Gerais, Brasil**. 2013. 484 f. Tese (Doutorado em Hidrologia Médica) – Universidade Complutense de Madrid, Faculdade de Medicina, Departamento de Medicina Física e Reabilitação, Madrid, 2013. Disponível em: <https://docta.ucm.es/entities/publication/b08bb910-0151-4798-888d-c1c6de5403ef>. Acesso em: 14 set. 2024.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Disponível em: <https://csociais.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/05/whyte-william-foote-sociedade-de-esquina.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

REFERÊNCIAS DE MATERIAIS DE COMUNICAÇÃO

AYRES, Solange. Ramiro Rodrigues Freitas, o jardineiro do Parque das Águas. **Família Ayres /Histórias e Memórias das cidades de Caxambu e Baependi**, [Caxambu], 31 jul. 2016. Disponível em: <https://familiaayresontemhojesempre.blogspot.com/2016/07/jose-ramiro-de-freitas-o-jardineiro-do.html>. Acesso em: 30 mai. 2025.

CAXAMBU (MG). Secretaria de Turismo e Cultura. **Chico Cascateiro**. Caxambu, [20--]. Disponível em: <https://turismocaxambu.com.br/pagina/25/chico-cascateiro>. Acesso em: 15 set. 2024.

CAXAMBU (MG). Secretaria de Turismo e Cultura. **Roteiros**. Caxambu, [20--]. Disponível em: <https://www.turismo.caxambu.mg.gov.br/pagina/50/roteiros>. Acesso em: 5 ago. 2024.

CAXAMBU (MG). Secretaria de Turismo e Cultura. **Uma luz na História**. Caxambu, [20--]. Disponível em: <https://www.turismo.caxambu.mg.gov.br/pagina/39/uma-luz-na-historia-caxambu-mg>. Acesso em: 5 maio 2025.

CAXAMBU (MG). Secretaria de Turismo e Cultura. **Rota memória, terra e água**. Caxambu, [20--]. Disponível em: <https://www.turismo.caxambu.mg.gov.br/pagina/63/rota-memoria-terra-e-agua>. Acesso em: 5 maio 2025.

CAXAMBU (MG). Prefeitura. **Caxambu está certificada pelo Mapa do Turismo**. Caxambu, 18 maio 2023. Disponível em: <https://www.caxambu.mg.gov.br/noticia/7582/caxambu-esta-certificada-pelo-mapa-do-turismo>. Acesso em: 28 mar. 2025.

CHICO CASCATEIRO: artesão naturalista. Direção: Luiz Edmundo Alves. Produção: Manoel Mata Machado, Eustáquio Gorgone. [Caxambu]: VTL Filmagens, 2000. 1 vídeo

(8:55 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yK1G8Zu7dYQ>. Acesso em: 14 jul. 2025.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE MINAS GERAIS. **Vamos passear no Parque das Águas de Caxambu?**. Belo Horizonte: Codemge, mar. 2018. Disponível em: <http://www.codemge.com.br/wp-content/uploads/2018/11/cartilha-parque-aguas-caxambu-15x21-final.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE MINAS GERAIS. **Codemig assume a gestão do Parque das Águas de Caxambu**. Belo Horizonte, 2 out. 2017. Disponível em: <http://www.codemge.com.br/codemig-assume-a-gestao-do-parque-das-aguas-de-caxambu/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

EDUCAÇÃO Patrimonial - Chico Cascateiro. Publicado pelo canal Sec. de Turismo e Cultura de Caxambu – MG. [Caxambu], [s. n.], 2021. 1 vídeo (11:03 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LsLUBPdj4Mo>. Acesso em: 5 maio 2025.

ESQUARTEJADO pelo esquecimento: a história de Chico Cascateiro. **Memória CULT**, Ouro Preto, ano V, n. 15, p. 9–14, dez. 2015. Disponível em: https://memoriacult.com.br/wp-content/uploads/2019/04/mc15_site_bx.pdf. Acesso em: 2 ago. 2025.

O CIRCUITO das Águas de Minas Gerais. **Circuito das Águas Minas Gerais**. Caxambu, 2024. Disponível em: <https://circuitodasaguasmg.com.br/>. Acesso em: 5 ago. 2024.

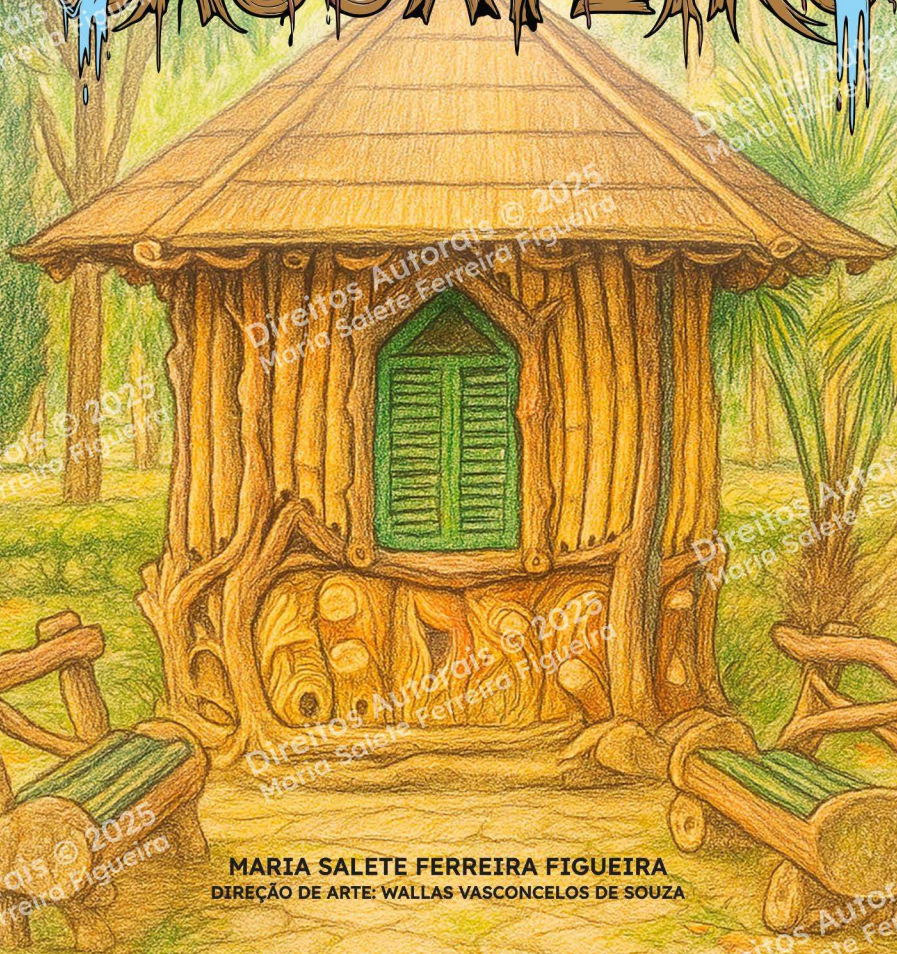
PARQUE das Águas de Caxambu MG | Doutor Lisandro Carneiro Guimarães. **Caxambu.tv.br**, Caxambu, 25 jan. 2025. Disponível em: <https://www.caxambu.tv.br/caxambu/parque-das-aguas-de-caxambu/>. Acesso em: 2 ago. 2025.

**APÊNDICE A — CARTILHA DO ROTEIRO INTERPRETATIVO DAS OBRAS DE
CHICO CASCAITEIRO NO PARQUE DAS ÁGUAS DE CAXAMBU - MG.**

CARTILHA DO ROTEIRO INTERPRETATIVO DAS OBRAS DE
CHICO CASCATEIRO NO PARQUE DAS ÁGUAS DE CAXAMBU, MG

UM CONVITE AO OLHAR:
ARTE VIVA NO PARQUE

Chico CASCATEIRO



MARIA SALETE FERREIRA FIGUEIRA
DIREÇÃO DE ARTE: WALLAS VASCONCELOS DE SOUZA

“Visitei, percorri, desfrutei, com admiração e encanto o Parque das Águas. É a medicina entre jardins de uma florescência deslumbrante. Minas ainda não percebeu todo o valor de sua joia. Quando lapidar e engastar como ella pede, estas fontes de vida verterão luz, como estrellas. Que vá falar bem longe aos que sofrem, dos suaves privilégios deste torrão abençoado.”

RUY BARBOSA,
Caxambu, 31 de outubro de 1919.



O PARQUE DAS ÁGUAS DE CAXAMBU

O Parque das Águas Dr. Lisandro Carneiro Guimarães começou a ser idealizado em 1886 e foi projetado sob influência francesa, com uma cenografia romântica que buscava o belo e o pitoresco. O Parque foi ornamentado com pavilhões mouriscos, góticos e esculturas naturalistas com elementos que imitavam rochas, cascatas, grutas, lagos e bosques.

A construção desses jardins era realizada por profissionais especializados, os “fingidores” também conhecidos como “cascateiros”, que chegaram ao Brasil entre o final do século XIX e o início do século XX. Para a criação dos monumentos de água e do mobiliário rústico do Parque, um desses cascateiros foi contratado no ano de 1913.



QUEM FOI CHICO CASCAITEIRO?

Francisco da Silva Reis (1866 – s/d), chamado de Chico Cascateiro, se destaca pelas obras deixadas no Parque das Águas de Caxambu. Português, ele saiu do Porto de Leixões e chegou ao Porto de Santos pelo vapor Rossetti, em 1907.

Com seu paletó e chapéu de feltro, o artista observava as matas próximas para depois reproduzi-las. É possível observar em sus obras diferentes tipos de troncos, galhos, raízes, cipós, fungos, animais e ninhos.

As obras por ele criadas eram moldadas a partir de uma argamassa composta por areia, cimento, pedaços de tijolos e cerâmicas, óleo de baleia, para dar liga e impermeabilidade, além de crina de cavalo, por proporcionar flexibilidade ao material. A coloração das obras era obtida através da mistura de diferentes tons de terra na argamassa, o que resultava em um acabamento natural.

PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO

Esta cartilha é um convite para um passeio pelo Parque das Águas, guiado pelas obras de Chico Cascateiro, um artista que transformava argamassa de cimento em natureza e pedra em poesia.

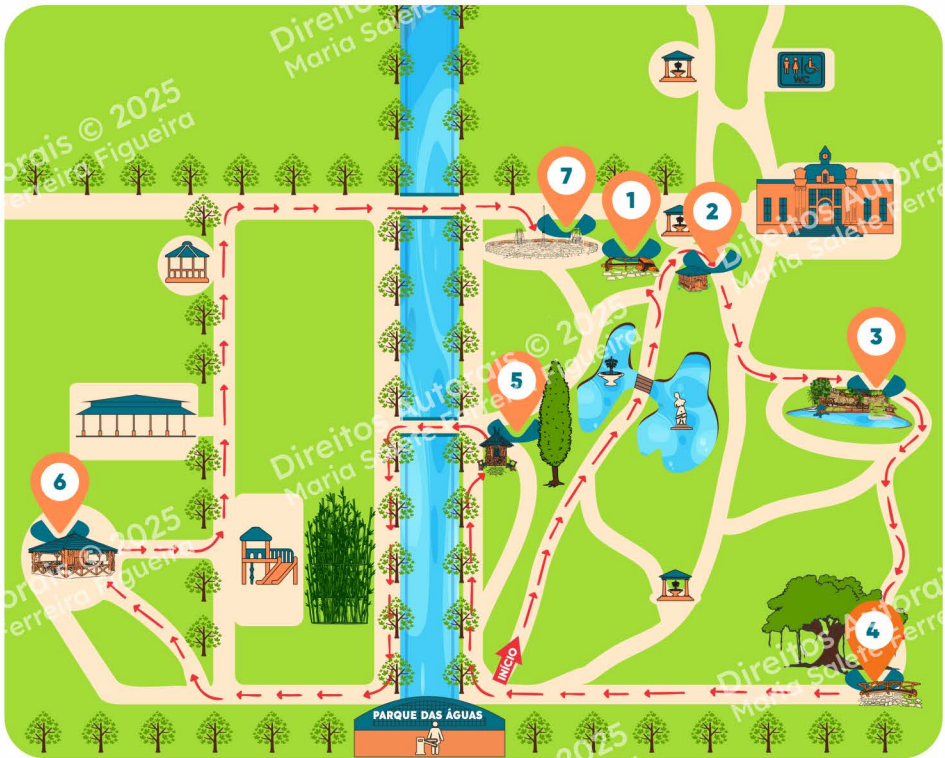
Neste roteiro interpretativo, você será levado a observar com outros olhos, os bancos, troncos, formas moldadas por mãos que captavam a alma das matas. Sua interpretação também é importante, o seu olhar poderá encontrar outras formas para além das apresentadas.

Essas obras estão aqui desde 1918, ao ar livre, esperando por você. Com os olhos bem abertos e a imaginação solta repare nos detalhes. Vamos juntos descobrir, cuidar e brincar com a arte e a natureza?

ROTEIRO INTERPRETATIVO

Bem-vindo(a)! Prepare-se para a jornada! Com o mapa na mão e olhos bem atentos, você vai seguir por 7 pontos especiais, onde a arte se mistura com a natureza. Em cada ponto, um detalhe escondido, uma surpresa moldada no cimento... E muita história para imaginar!

Vamos juntos?



- 1 – Banco Rústico
- 2 – Casinha para Aves
- 3 – Miradouro
- 4 – Banco de Cipos
- 5 – Casa da Bomba D'água
- 6 – Quiosque
- 7 – Círculo de Bancos

- Balneário Hidroterápico
- Bambuzal
- Banheiros
- Cipreste
- Coreto
- Figueira
- Fontes

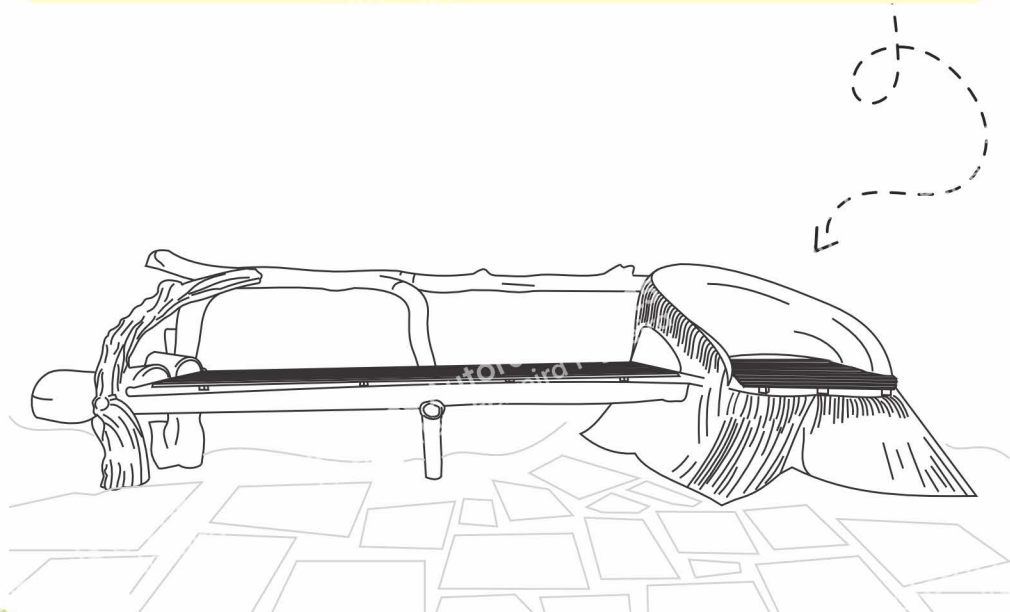
- Ninfa do Lago
- Parquinho
- Plátanos
- Portaria/Entrada
- Repuxo
- Rинque
- Rio Bengo/Lagos

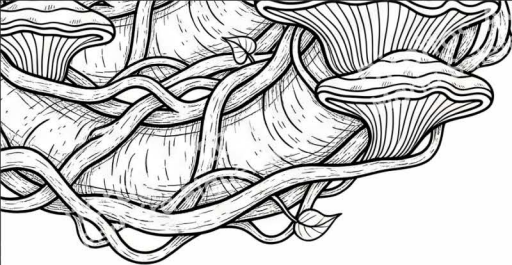


BANCO RÚSTICO

Chico Cascateiro costumava se inspirar em elementos da natureza que, muitas vezes, passam despercebidos por nossos olhos, formas que surgem no silêncio dos troncos e nos detalhes escondidos das árvores.

Olhando com atenção para a parte de trás do banco, o que você acredita que ele representou aqui?





CASINHA PARA AVES



PARE. ESCUTE. SINTA. Essa casinha parece estar sempre pronta para receber novos visitantes... Chico escolpiu essa pequena morada como um abrigo para os cantores da floresta. Mais do que abrigar aves, ela nos convida a ouvir a presença delas. Feche os olhos por um instante. Quais sons você ouve ao redor da Casinha das Aves? Seriam cantos de pássaros? Movimentos entre as folhas? Toques do vento?

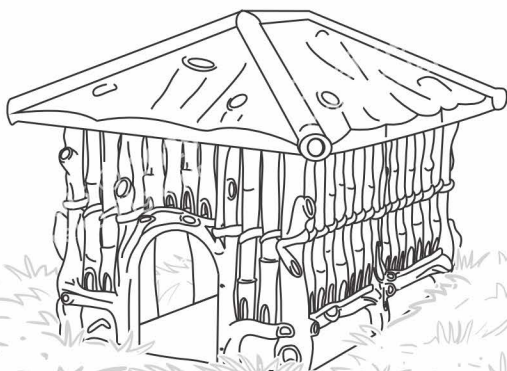
Anote abaixo três sons que você consegue identificar:

1° Som:

2° Som:

3° Som:

**Qual desses sons
você gostaria de
guardar num
potinho? Por quê?**





MIRADOURO

O miradouro é como uma galeria a céu aberto. Nele, Chico criou os monumentos das águas e diversas pistas da sua forte relação com a natureza, deixando ali sua assinatura.

2

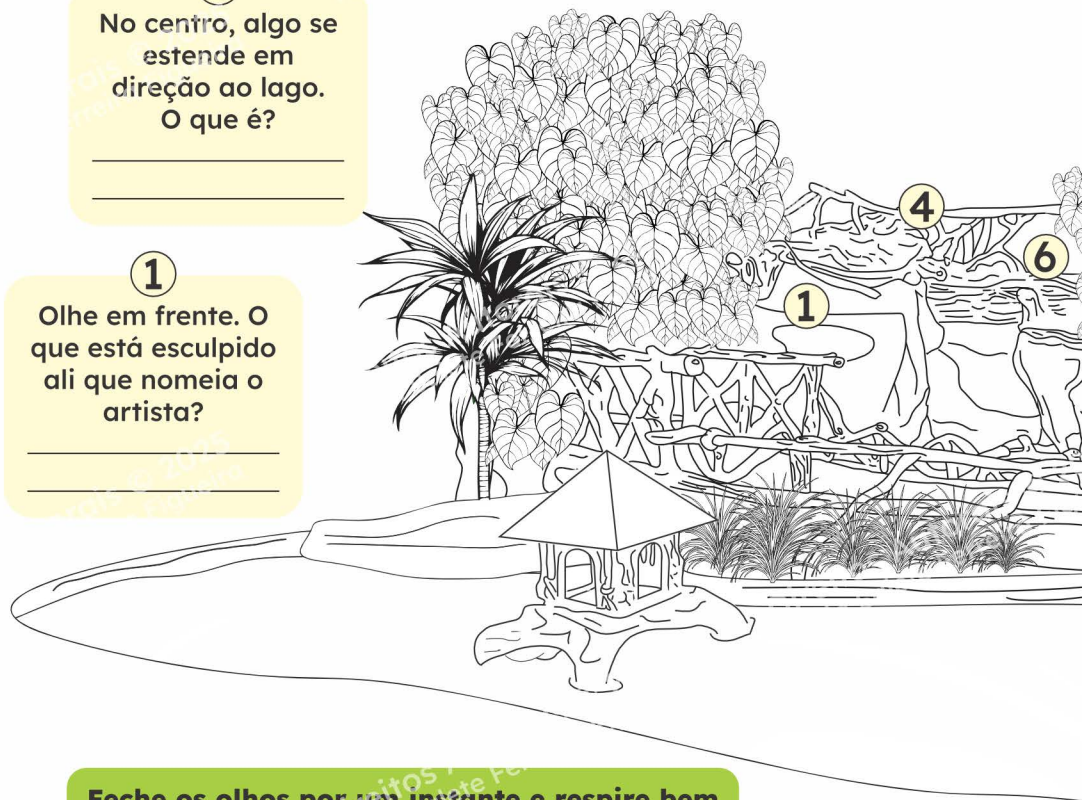
No centro, algo se estende em direção ao lago. O que é?

1

Olhe em frente. O que está esculpido ali que nomeia o artista?

3

À direita, procure formas inspiradas na natureza.



Feche os olhos por um instante e respire bem fundo. Que cheiros te envolvem agora? Use a imaginação: se o miradouro tivesse um cheiro próprio, qual seria? Uma flor escondida? Um tronco antigo? Ou talvez o cheiro de um lugar cheio de histórias?

Observe com atenção cada ponto numerado na imagem abaixo e escreva o que você vê em cada um deles. Não tenha pressa, alguns detalhes podem aparecer só depois de um tempo observando...

4

Suba por trás do miradouro. O que tem nas laterais?

5

De cima do miradouro, olhe para baixo. O que você encontra ali?

6

Ainda no alto, encontre a marca do artista.



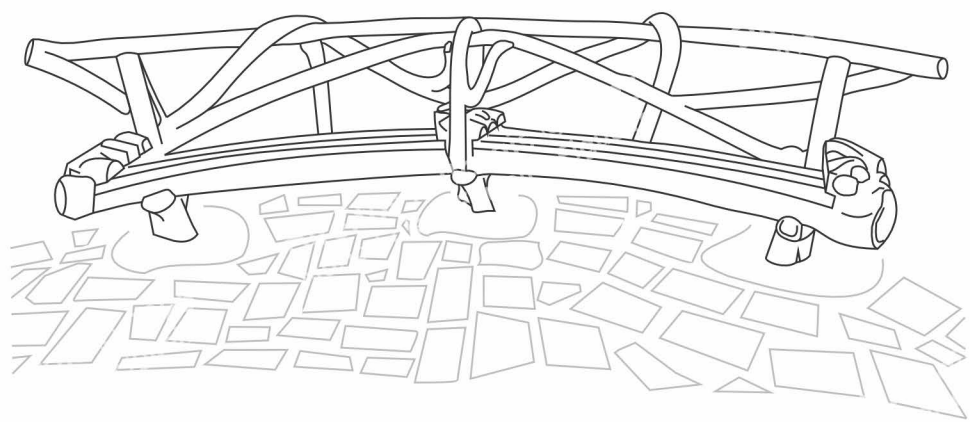


BANCO DE CÍPOS



Antes de ser parque, esta região era um pântano, um terreno encharcado, onde as fontes de águas minerais brotavam direto do solo. Foi aqui que tudo começou. Desse solo úmido e cheio de vida, nasceu a ideia de criar um lugar onde natureza, saúde e beleza caminhariam juntas.

Anos depois, Chico escolheu construir este banco exatamente aqui, de frente para algo muito antigo e especial, que faz bem para o mundo: limpa o ar, refresca o clima e protege a água e o solo.



Sente-se, observe com calma e responda: qual elemento da natureza você acha que inspirou Chico aqui?





CASA DA BOMBA D'ÁGUA

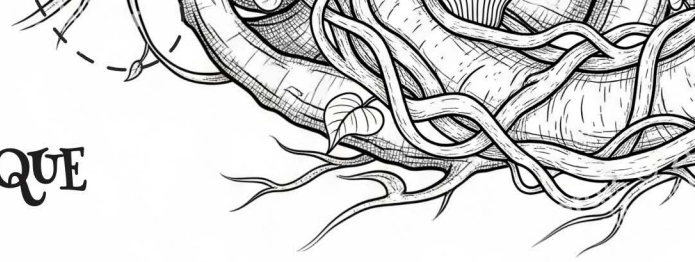
Essa casa tem ares de mistério! Será mesmo somente a Casa da Bomba D'água?

Olhe para essa casa com olhos de descoberta! Explore os detalhes da obra e imagine o que ou quem poderia viver nesse cantinho mágico. Solte sua imaginação e desenhe esse habitante!





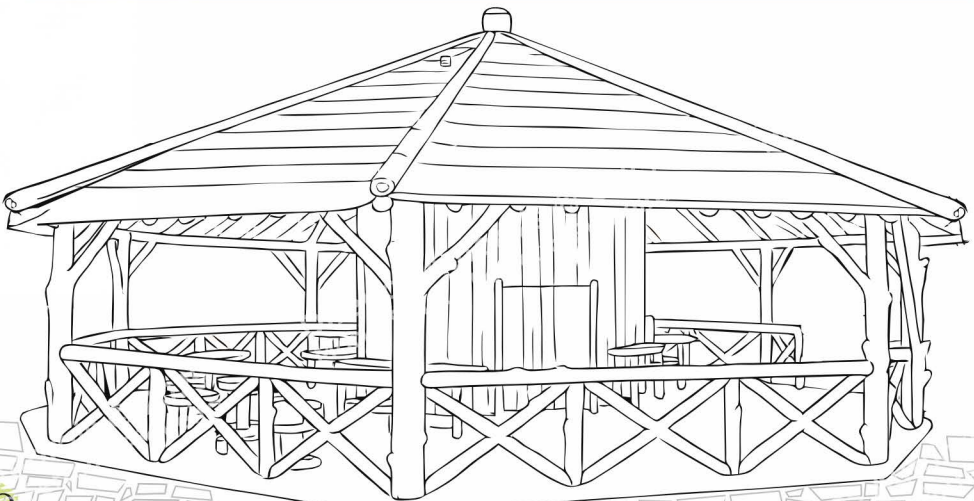
QUIOSQUE



As esculturas de Chico Cascateiro são cheias de detalhes, como se guardassem segredos da floresta em cada curva e textura. No quiosque, algumas formas chamam a atenção... Que tal transformar esses elementos em enigmas? Você consegue decifrar os mistérios escondidos nessa natureza esculpida?

Leia as charadas abaixo e anote sua resposta para cada uma:

- 1 Um réptil que desafia a gravidade caminhando pelas paredes. Onde estou? Quem sou eu? _____
- 2 Um ser de muitas patas em meu corpo alongado e acompanhado de uma mariposa. Quem sou eu? _____
- 3 Um ser de dedos longos e desenvolvidos para saltar, mas aqui no quiosque, estou no alto à observar. Quem sou eu? _____
- 4 Fabrico meu ninho de barro em forma de tubos. Onde estou? _____





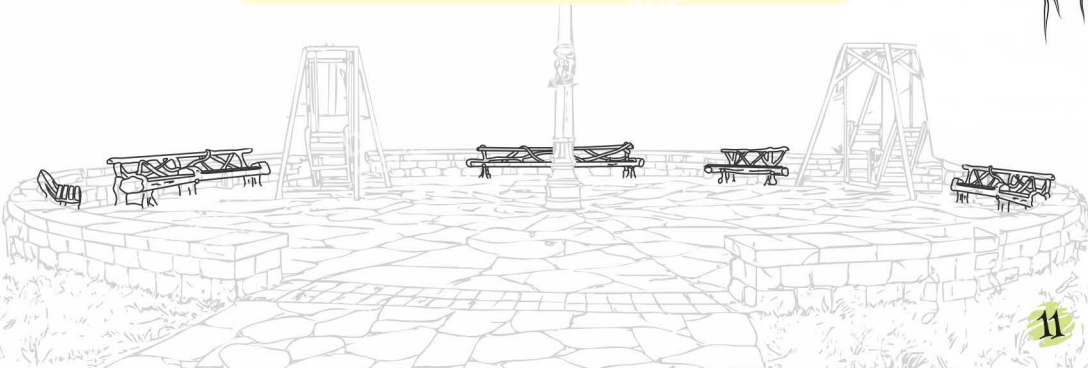
BANCOS EM CÍRCULO



Nossa jornada chega ao fim, e nada melhor do que relembrar os caminhos percorridos.

Sente-se nos bancos, observe ao redor e procure no caça-palavras abaixo 10 elementos que você viu ou aprendeu ao longo do roteiro. Quantos você consegue encontrar?

C	I	M	E	N	T	O	A	I	V	Q	O
C	A	S	C	A	T	E	I	R	O	U	F
U	M	F	M	T	T	F	F	T	M	I	I
O	I	T	F	U	D	N	H	I	L	O	N
V	R	P	A	R	Q	U	E	O	L	S	G
H	A	L	T	A	A	A	N	P	E	Q	I
O	D	R	N	L	S	N	O	D	N	U	D
I	O	T	D	I	E	E	C	N	M	E	O
A	U	M	C	S	E	I	I	I	U	L	R
A	R	G	A	M	A	S	S	A	S	I	F
A	O	I	L	O	U	B	R	O	N	C	M
P	O	R	T	U	G	U	Ê	S	R	L	O





MORAL DA HISTÓRIA...

As obras de Chico Cascateiro contam a história de formação do parque, o gosto da sociedade de uma época e a memória que não deve ser esquecida. A interpretação das obras pode manter uma comunicação com os visitantes a valorizar a sua experiência no atrativo.

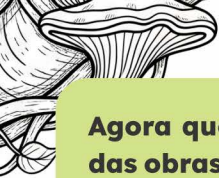
É importante lembrar que, mesmo sendo reconhecidas como patrimônio, as obras ainda são pouco conhecidas e não têm recebido o cuidado que merecem. Assim como a assinatura de Chico, elas estão se desgastando com o tempo. Por isso, destacar essas obras durante a visita é uma forma de valorizá-las, incentivando novas visitas e novas maneiras de se conectar com esse patrimônio único.



PARA IR ALÉM...

Nas proximidades do Parque das Águas, é possível encontrar outras intervenções artísticas de Chico Cascateiro. Na Praça 16 de Setembro, localizada próxima à entrada principal, estão algumas de suas criações em argamassa: os parapeitos do pontilhão sobre o Rio Bengo, a base do coreto e um repuxo ornamental, todos integrados à paisagem com charme e originalidade. Que tal ir até lá?

Além de Caxambu, o artesão-artista também espalhou sua arte por outras cidades mineiras, como Baependi, Carmo de Minas, Passa Quatro, Cristina e Juiz de Fora, onde deixou sua marca única esculpida em argamassa, imaginação e inspiração na natureza.



Agora que você já caminhou pelo Parque e desvendou os mistérios das obras de Chico Cascateiro, chegou a hora de deixar a sua marca! Esta cartilha também é um livro de colorir. Tente se lembrar das cores que viu nas esculturas: quais tons Chico usava? Use sua memória, mas não tenha medo de criar, Chico era mestre em transformar imaginação em arte. Use as cores que quiser, misture, invente, experimente! Pinte este livro como se fosse uma continuação da obra de Chico Cascateiro, viva, orgânica e cheia de personalidade.

Mostre sua arte pra gente! Compartilhe sua pintura nas redes sociais e nos marque. Vamos adorar ver como você deu vida a essa história!

   @chiconoparque

RESPOSTAS

- 1 Ninho de insetos e fungos (orelha de pau);
- 3 1 - Cascata; 2 - Uma grande raiz; 3 - Flor, fungos e ninhos de insetos; 4 - Parapeito/Corrimão; 5 - Lago e ilhas; 6 - Assinatura de Chico Cascateiro.
- 4 Árvore Figueira;
- 6 1 - Lagarto; 2 - Centopeia; 3 - Anfíbio (sapo, rã, etc.); 4 - Ninho de Vespa.

7 C I M E N T O Q
C A S C A T E I R O U F I
M T I I
I F U O N
R P A R Q U E S G
A A A Q I
D L N U D
O I C E O
U S I R
A R G A M A S S A S
O O C
P O R T U G U Ê S O





Sua opinião é essencial!
Compartilhe no TripAdvisor
#ChicoCascateiro



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Expediente:

Autora e Texto: Maria Salete Ferreira Figueira
Projeto Gráfico e Diagramação: Wallas Vasconcelos de Souza
Revisão e Orientação Acadêmica:
Prof. Dr. Humberto Fois Braga
Prof. Dr. Edwaldo Sérgio dos Anjos Júnior

Informações Adicionais:

Data de Produção: Julho de 2025

Natureza do Documento: Esta cartilha é um produto resultante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “UM CONVITE AO OLHAR: uma proposta de interpretação do patrimônio das obras de Chico Cascateiro no Parque das Águas de Caxambu, MG”, apresentado ao Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

Referências Bibliográficas:

OLIVEIRA, Eustáquio Gorgone de. *Jardins esquecidos: a arte em argamassa nas obras de Francisco da Silva Reis*. [S.l.: s.n.], 2004.
LEMO, M. de Lourdes. *Fonte Floriano de Lemos – O Parque das Águas de Caxambu*. Rio de Janeiro, 2001.
MAGALHÃES, Cristiane Maria. *O desenho da história no traço da paisagem: patrimônio paisagístico e jardins históricos no Brasil – memória, inventário e salvaguarda*. Campinas, SP: [s.n.], 2015.
MINAS GERAIS. Decreto n.º 40.288, de 1º de março de 1999. *Tombo o Conjunto Paisagístico e Arquitetônico do Parque das Águas de Caxambu*. Diário do Executivo – Minas Gerais, Belo Horizonte, 1 mar. 1999.

Direitos Autorais © 2025 Maria Salete Ferreira Figueira

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia do autor.

Contato da Autora: saletefigueira@yahoo.com.br